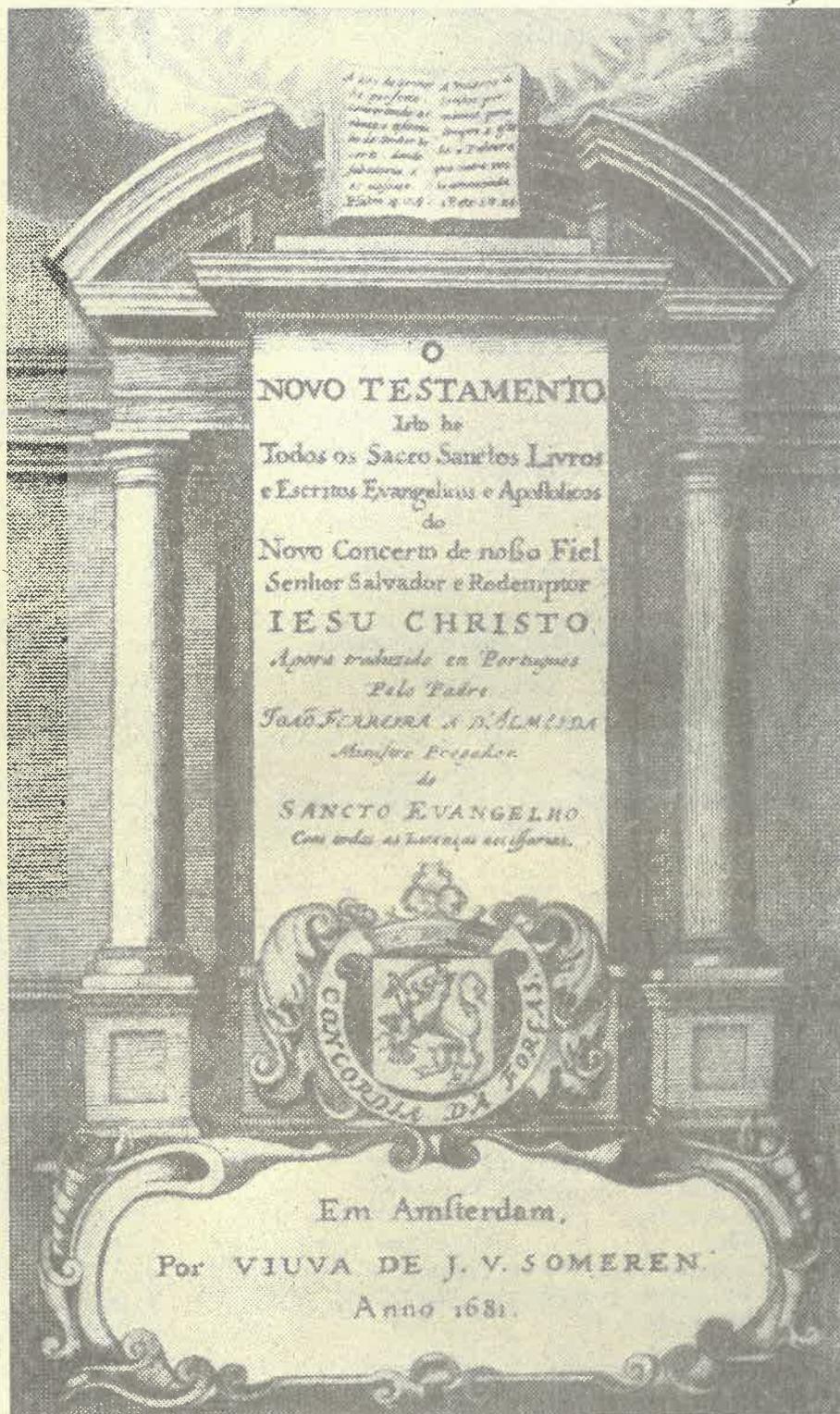


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Agosto/Setembro 1991



FRONTESPÍCIO DA EDIÇÃO PRINCEPS DO NOVO TESTAMENTO DE JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA

O Mundo de Deus

Eddie Askew

Senhor, não seria tudo melhor,
Se as coisas fossem organizadas e previsíveis,
Se eu, previamente, soubesse o resultado dos meus actos,
Se pudesse calcular os meus ganhos
Antes de investir,
Se sempre pudesse semear em linhas impecáveis
E visse crescer as plantas sem quaisquer defeitos?

Não sei se seria melhor.
Seria, sim, mais seguro e cómodo,
Apropriado.
Poderia fazer os meus planos,
Materializar os meus sonhos, organizar a minha vida.
Os meus planos? A minha vida?

Senhor, creio que esta é a questão.
Vejo o mundo
E a obra que tenho a fazer
Como coisas minhas.
Mas é o Teu mundo
E os únicos planos a longo prazo são os Teus.
Posso ter ideias,
Posso fazer o que me parece melhor e bem pensado,
Mas o vento é também Teu
E ele sopra através da minha vida como Te apraz.

Umavez é uma brisa fresca,
Suspirando por entre os salgueiros à beira do riacho,
Reconfortando.
Outras vezes é um vento forte
Que me fustiga de chuva o rosto,
Quando subo as ladeiras.
E pode ser uma rajada ululante,
Com propósitos que não alcanço,
Arrebatando e destroçando meus planos.
Ou parecendo destruí-los.

Senhor, ajuda-me a reconhecer
Que os Teus caminhos estão além da compreensão.
Fortalece a minha fé
Para que, quando o vento soprar e desfizer o meu mundo,
Levando a semente para lá do horizonte,
Eu tenha a certeza de que ela irá crescer noutros lugares
E noutros tempos.
Faz-me ver que todos esses outros tempos e lugares
São também Teus.
Senhor, a minha tarefa
É manter o meu rosto voltado para o vento,
Deixando-o soprar através da minha vida,
Refrescando, perturbando,
Às vezes assustando,
Mas sabendo eu sempre que é o Teu vento
E que, enquanto eu estiver voltado para ele,
Estarei sempre voltado para Ti.

Traduzido por António Coquenão Lopes, pastor aposentado, e extraído de "A Silence and a Shouting" editado por The Leprosy Mission International.

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Agosto/Setembro de 1991

Ano L • N.º 533

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17

1199 Lisboa Codex

Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 850\$00

Número Avulso 85\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.

Vale Travelho • Pedreiras

2480 Porto de Mós

Telef. (044) 402413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 O Mundo de Deus
Por Eddie Askew
- 3 Dia da Bíblia
Por J. Morgado
- 4 João Ferreira d'Almeida
Por J. Morgado
- 10 Cristo, nosso Perfeito Caminho
Por Calvin B. Rock
- 13 Projecto da Divisão Euro-Africana
para a Semana de Extensão
Missionária 1991
Por José Carlos Costa
- 14 Nós o Veremos
No Poder do Pentecostes
V. F. Bocala
- 16 Grandes possibilidades e imensas
necessidades
Por E. Ludescher
- 17 Deus trabalha consigo na sua mente
Por César V. Souza
- 20 Notícias do Campo
- 24 O Campo é o Mundo — Notícias

CAPA: Frontespício da edição princeps do Novo Testamento de João Ferreira de Almeida. Exemplar existente na Biblioteca Nacional de Lisboa. Fotografia feita de um postal gentilmente cedido pela Sociedade Bíblica Portuguesa.

Dia da Bíblia



Anualmente há um sábado especial dedicado à Bíblia. Com certeza que todos os sábados são dedicados ao estudo da Bíblia, seja na Escola Sabatina, seja no culto, seja em outras actividades que têm lugar durante as restantes horas do dia do Senhor. Mas este sábado é um dia especial em que desejamos realçar particularmente as Sagradas Escrituras e o valor que encerram para nós e para o mundo em geral.

Nós, que acreditamos que a Bíblia contém a mensagem de Deus para o Seu povo, devemos dedicar-lhe uma atenção e um carinho muito especiais. É que a mensagem que ela encerra é uma mensagem actual, que, quanto mais os séculos correm, melhor e mais facilmente se entende. Quando os discípulos ouviram, no princípio da era cristã, a ordem do Senhor, de irem «por todo o mundo», empreenderam essa tarefa levando a boa nova da salvação em Cristo ao mundo conhecido de então. E tão pequeno ele era! Pouco mais do que as terras em volta do Grande Mar, cruzado pelos barcos romanos e das nações circunvizinhas. E Paulo, o grande apóstolo, percorreu todo esse mundo, lançando-se

ardorosamente na batalha que outros haviam iniciado.

Quando os discípulos de hoje ouvem a mesma ordem do Senhor Jesus, sabem quanto maior é esse mundo, mas sabem também que nunca como na era actual foi possível levar ao mundo inteiro o Evangelho eterno. Hoje podemos realmente ir «a toda a nação, tribo, língua e povo»

Ao incentivarmos cada um ao estudo e conhecimento da Sagrada Escritura, devemos dar graças a Deus por aqueles que durante séculos se dedicaram à sua tradução nas várias línguas do mundo. Em português, prestamos hoje homenagem, nesta Revista, a **João Ferreira d'Almeida**, mas não devemos esquecer outros que também se dedicaram a esta missão, como, por exemplo, o **Pe. António Pereira de Figueiredo**, o **Pe. Matos Soares**, etc.

Devemos igualmente lembrar a acção da Sociedade Bíblica, nascida da experiência de Mary Jones, e que permitiu que crianças, jovens e adultos de todo o mundo possam hoje usufruir de inúmeras traduções das Escrituras nas suas próprias línguas. A Palavra de Deus está hoje à disposição de cada um de nós no idioma que falamos e entendemos e isso não permite desculpas para a nossa negligência no seu estudo, para a nossa falta de conhecimento e de crescimento espiritual.

A Sociedade Bíblica consegue manter um esforço editorial bastante grande e preços acessíveis graças às ofertas que recolhe anualmente de muitas igrejas e particulares. Outra das particularidades da Sociedade Bíblica é a sua independência, servindo todas as Igrejas. Em todas as partes do mundo, elementos de várias denominações servem a Sociedade Bíblica e nos seus corpos gerentes podem encontrar-se elementos que, divergindo, embora, em certos princípios teológicos, têm um amor comum às Sagradas Escrituras e procuram que o livro sagrado tenha a maior difusão possível. Isso também acontece em Portugal. O secretário-tesoureiro da nossa União, pastor Juvenal Gomes, foi eleito, pela mesa da Sociedade Bíblica, para o seu conselho fiscal.

Que Deus continue a abençoar a acção daqueles que estão empenhados na nobre tarefa de divulgação das Sagradas Escrituras. E que nos ajude a nós, como crentes, a receber diariamente o alimento espiritual que elas contêm!

J. Morgado

João Ferreira d'Almeida

Comemora-se este ano o terceiro centenário da morte de João Ferreira de Almeida, um nome que por certo não será estranho a nós, crentes, que lemos as Sagradas Escrituras.

João Ferreira de Almeida foi um instrumento nas mãos de Deus para dar ao povo português a primeira tradução da Bíblia no seu idioma, tradução essa que é, também, a que mais difundida se encontra nos territórios de língua portuguesa. Quando a Igreja Católica lutava ainda contra a divulgação e leitura das Sagradas Escrituras, a tradução de Almeida surgiu como uma luz num território que já não era português, mas onde a língua portuguesa e a sua influência cultural permaneceram por quase duzentos anos, e de que há, ainda hoje, reminiscências.

Houve três acontecimentos que o mundo explica sob o ponto de vista político, social, geográfico, etc., mas que nós não podemos dissociar do plano divino da proclamação do “Evangelho eterno”, do Evangelho verdadeiro, a toda a nação, povo, tribo e língua. São eles: a descoberta da imprensa, a Reforma e os Descobrimentos Portugueses. Foram esses eventos que criaram condições para que a mensagem de Jesus fosse levada a todo o mundo. João Ferreira de Almeida, como tradutor da Bíblia para a língua portuguesa, cumpriu uma importante parte nesta proclamação.

Biografia

Não é fácil estabelecer a biografia deste homem a quem os crentes tanto devem. O facto de ter vivido e trabalhado longe de Portugal torna esses dados menos seguros e perceptivos.

São várias as informações que, ao longo dos anos, têm sido fornecidas, pois muitos se têm debruçado sobre a sua vida e ministério. O seu próprio nome aparece escrito de várias maneiras, o que dificulta uma pesquisa mais profunda. Vejamos algumas:

João A. d'Almeida (usado por ele mesmo em 1666); **J. Fer. A. d'Almeida** (16.6.1673); **J. Fer A. d'Almeida** (várias vezes depois de 6.8.1691)¹;

João Ferreira de Almeida (como actualmente encontramos nas traduções da Bíblia); **João Ferreira** (usado pelos escritores católicos que a ele se referem).

As fontes holandesas que o citam referem **Jo(h)an(nes)**, **Joan**, **João** ou **Jan** e **Fer(r)e(i)ra**. Algumas vezes, latinizam o seu último nome em **Ferriarius**.²



João Ferreira d'Almeida nasceu em Torre de Tavares (Mangualde), segundo informação do Padre Hieronymo de Siqueira.³

O mesmo autor refere que os seus pais eram católicos e nessa religião ele foi baptizado.⁴

Por falta destes⁵, foi criado sob o amparo de um tio clérigo na cidade de Lisboa.

Aos 14 anos, como Almeida confessa por sua própria boca, foi para a Holanda e da Holanda para as Índias Orientais Neerlandesas.⁶

Quanto à data do seu nascimento, afirma-se que foi no tempo de Filipe III, isto é, depois de 1580. Na dedicatória à *Diferença da Cristandade*, na página 4, o próprio João Ferreira d'Almeida refere, em dada altura, que «ao segundo de minha conversão, que foi o de 1644, de minha idade 16», pelo que se deduz que ele nasceu em 1628, ou seja, ainda durante o reinado de Filipe III.

Alguns autores apresentam informações diferentes, que, todavia, não merecem tanto crédito como as que citámos. No entanto, desejamos referi-las:

Filipe Baldeo, um colega no trabalho evangélico nas Índias Orientais, afirma que ele nasceu em Lisboa, em 1628.⁷ António Ribeiro dos Santos⁸ declara que João Ferreira de Almeida passou de Lisboa à Holanda e ali teria abraçado a religião reformada, tendo-se feito ministro pregador em Amsterdão, onde residiu durante muitos anos, e que teria embarcado depois para as Índias Orientais, o que não condiz com a declaração do próprio Almeida.

Eduardo Moreira⁹, certamente baseado nas fontes de que nos servimos no princípio, afirma que João Ferreira d'Almeida era natural de Torre de Tavares, próximo de Mangualde, onde nasceu em 1628, e que daqui se transportou para Lisboa, para casa de um tio, onde aprendeu o latim e as normas da igreja. Daqui teria passado à Holanda, sem sabermos porquê, nem como. Tão-pouco se sabe se nas suas veias já germinava alguma raiz de cristão-novo. Alguns pensam que terá sido induzido por judeus. Mas, pelo menos, mais tarde não os seguiu.

Sobre a frase "onde aprendeu o latim e as normas da igreja", o Padre H. de Siqueira, falando sobre João Ferreira de Almeida, diz, a dada altura, "ao qual respondendo tão mal o Ferreira que deprezando não só a verdadeira religião católica que dele aprendeu, chegou a dizer que o dito clérigo seu tio lhe dissera que era duro o preceito da continência."¹⁰

Como afirmámos, Ferreira d'Almeida, aos 14 anos, estaria de viagem de Batávia para Malaca. (Convém lembrar que os holandeses se estabeleceram nas Índias Orientais, com capital em Batávia, hoje Djacarta.) Nessa viagem, veio parar-lhe às mãos o folheto *Diferença da Cristandade*, em espanhol, o qual causou profunda impressão naquele jovem e o levou a abandonar a religião Católica e a converter-se ao Calvinismo.

Em 1644, isto é, com 16 anos, Ferreira põe-se a traduzir do espanhol para português os Evangelhos e os Actos dos Apóstolos, os quais, copiados à mão, são espalhados pelas nascentes comunidades portuguesas. Em 1645, a tradução do Novo Testamento está já concluída, mas será somente editada, pela primeira vez, em 1681, e em Amesterdão. J. L. Swellengrabel¹¹, que se debruçou sobre a vida e obra de Ferreira de Almeida, sendo holandês, teve oportunidade de consultar as Actas do Presbitério da Igreja Calvinista de Batávia e as Actas da Companhia Oriental das Índias, a qual tinha sempre ser de dar o seu aval para tudo o que era resolvido na Igreja. Ele fornece-nos mais alguns dados sobre a biografia de Ferreira de Almeida, que, por esse facto, são dignos do maior crédito:

Em 1648, Almeida encontra-se como visitador de doentes em Malaca, "percorrendo diariamente os hospitais e casas de doentes, animando e consolando a todos com as suas orações e exortações". Em Janeiro de 1649, é escolhido para diácono e membro do presbitério. Ali, ele administrava os fundos dos pobres da igreja.

Em Malaca, após a tradução do Novo Testamento, João Ferreira de Almeida traduz igualmente o chamado Catecismo de Heilderberg e Liturgia, cujas primeiras edições aparecem

em 1656 e 1673. Ali se mantém, como visitador de doentes, até 1651.

Nesse mesmo ano, em Março, segue para Batávia, ainda na qualidade de visitador de doentes, mas, simultaneamente, fazia os seus estudos de teologia e revia o Novo Testamento.

A 17 de Março de 1654, depois de exame público, no qual pregou sobre Romanos 10:4, é considerado candidato a ministro. Entretanto, ensina o português aos pastores holandeses que trabalham nas outras igrejas portuguesas das Índias Orientais Neerlandesas.

Obras de João Ferreira de Almeida

Ano	Edição	Título	Lugar edição	Obs.
30.11 1668	1. ^a	<i>Diferença da Cristandade da Igreja Reformada e Romana</i>	Batávia	Tradução do Castelhana
1672		<i>Duas Epístolas e vinte propostas</i>	Batávia	Controvérsia c/ Padre Maldonado e Frei M. de Santa Tereza
1672		<i>Fábulas de Esopo</i> (traduzidas por Manuel Mendes de Vidigueira e revistas por João Ferreira d'Almeida.	Batávia	
1673	2. ^a	<i>Diferença da Cristandade</i>	Amsterdão	Também em holandês.
1673		<i>Apêndice ou necessária Adição à Diferença da Cristandade.</i>	Amsterdão	
1.1.		<i>Advertência</i>		Apontando mais de 1000 erros da 1. ^a edição do NT
1684	3. ^a	<i>Diferença da Cristandade</i>		
1743		<i>Catecismo de Heilderberguese e Liturgia.</i>	Columbo	Na mesma encadernação. 1. ^a ed. 1677. Não traz nome do tradutor.

Em Setembro de 1655, faz o exame final e prega sobre Tito 2:11 e 12, mas só recebe a sua confirmação em 22 de Agosto de 1656. A 18 de Setembro desse mesmo ano é enviado como ministro para Ceilão, juntamente com o seu colega Baldeo.

Em 1657, João Ferreira d'Almeida encontra-se em Gale, como ministro do Evangelho. E de 1658 a 1661 estará em Columbo. Na sua viagem de Gale para Columbo, sua esposa foi milagrosamente salva do ataque de um elefante. É a primeira vez que é feita uma referência a sua esposa. No entanto, na *Carta Apologética*, p. 18, Hieronymo de Siqueira diz o seguinte: "Diz V. M. que sua mulher he grave; será então o fora quando da religião Romana se não apartou esta seguiu as novidades calvinistas tomando o pior de sua causa desprezando a religião." No mesmo livro, na página 9, há uma referência a seu filho.

Em 1661, Almeida parte para Tutecornin, no sul da Índia; em 1662, está em Quilon, regressando a Batávia em Março de 1663, onde vai ficar à frente da igreja portuguesa, como ministro ordenado, até 1689.

Da sua presença à frente da igreja portuguesa de Batávia são conhecidas algumas acções:

— Em 1664, ele procura persuadir o Presbitério para que tenham a sua própria celebração da Ceia.

— Propõe também que os pobres que recebem auxílio do fundo de pobres da igreja sejam convidados a assistir às aulas de catequese.

— Elabora um folheto com orações para serem usadas na igreja portuguesa.

— Em 1666, propõe a existência de anciãos e diáconos, mas a sua proposta é rejeitada e só vem ser aceite em 1670.

— Numa reunião do Presbitério, em 1678, declara-se solenemente contra os rumores que então corriam sobre o seu desejo de voltar ao Catolicismo. O opúsculo *Diferença da Cristandade*, que tanto o impressionara quando jovem, traduziu-o ele, em 1650, para português, e, alguns anos mais tarde, também para holandês. As Fábulas de Esopo foram revistas em 1672.

A partir de 1682, com a saúde já bastante abalada, foi-lhe permitido que ficasse mais livre do seu trabalho na congregação, a fim de se poder dedicar à tradução do Antigo Testamento, que já vinha fazendo havia algum tempo. Em 1677, é chamado um novo ministro de Ceilão, para o substituir: Jacob op den Akker. Em 1689, Almeida é considerado "emeritus". É também neste ano, a 16 de Setembro, que ele pede a sua jubilação, em virtude de velhice e fraqueza.

As últimas actas de reuniões do Presbitério que referem a sua presença datam de Agosto de 1691, mas em 20 de Agosto de 1691 ainda há menção do seu nome, embora não se saiba se esteve ou não presente. Segundo *A Bíblia em Portugal*, de Guilherme dos Santos Ferreira, ele pediu a sua jubilação em 16 de Setembro de 1689, em virtude de velhice e fraqueza, e faleceu em 6 de Outubro de 1691. O certo é que morre antes de 15 de Outubro desse mesmo ano, pois nessa data sua esposa é já designada como viúva. Na sua tradução do Antigo Testamento, Almeida havia chegado a Jeremias, capítulo VI. Foi o seu colega Jacob op den Akker quem a terminou em 1694.

Convém lembrar que João Ferreira d'Almeida lutou durante toda a sua vida para manter as comunidades evangélicas portuguesas nos lugares do império português das Índias, que os holandeses iam ocupando, lutando também para que fossem proporcionados livros em português a essas mesmas comunidades. No livro *Heróis da Cruz*, do Dr. Tucker, o trabalho de João Ferreira de Almeida em Batávia é também assinalado: "Em favor das escolas e igrejas de Batávia faziam-se, de há muito tempo, numerosas traduções na língua portuguesa, das quais uma grande parte nunca foi publicada; outros livrinhos foram impressos, ou na Holanda ou em Batávia."

Não havia grande interesse por um tal trabalho quando João Ferreira d'Almeida, o mais zeloso dos tradutores, ofereceu ao consistório "Os 4 Evangelhos e os Actos", traduzidos do espanhol para o português. Este concílio deu-lhe uma recompensa de trinta réis, importância esta que foi

aumentada pelo governo da Companhia da Índias Orientais com mais 50 réis.

Bibliografia

- (1) Dr. J. L. Swellengrabel, *Survey of Data about João Ferreira A. d'Almeida*, Haia, p. 1.
- (2) *Ibidem*.
- (3) *Carta apologética em defesa da Religião Católica Romana contra João Ferreira de Almeida, Predicante da seita calvinista, feita em Bengalla pelo mui reverendo Padre Hieronymo de Siqueira, Português, Teólogo, Pregador*, ano 1670, p. 148.
- (4) *Ibid.*, p. 39
- (5) *Ibid.*, p. 148.
- (6) *Ibid.*, p. 148.
- (7) Filipe Baldeo, *Accurate Description of Malabar, in Choromandel*, Amesterdam, 1672, p. 150 (traduzido do holandês). Esta fonte é citada por Guilherme dos Santos Ferreira em *A Bíblia em Portugal*, e na *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.
- (8) António Ribeiro dos Santos, "Memória sobre algumas traduções e edições bíblicas menos vulgares" in *Memórias da Literatura Portuguesa da Academia Real das Ciências*, Lisboa, 1806, Tomo. VII, pp. 17-59, p. 54.
- (9) Eduardo Moreira, *Crisóstomo português*, pp. 148 e sgs.
- (10) Hierónimo de Siqueira, *Op. Cit.*, p. 148.
- (11) Dr. J. L. Swellengrabel, *Op. Cit.*, p. 21.

Edições da Bíblia de J. F. de Almeida

1. Epístolas e Evangelhos dos Santos Apóstolos e Evangelistas. Trabalho realizado aos 16 anos. "Desta tradução foi passando cópias entre aqueles que davam interesse por lerem as Sagradas Letras." — Prefácio à *Diferença da Cristandade*, 1684, p. 4.
2. Novo Testamento. Tradução revista pelos pastores Bartolomeu Heynem e João Vaught. Foi levantada alguma objecção à sua edição por não ter usado como base a versão holandesa. Edição, na maior parte, inutilizada.
3. Novo Testamento, 1ª edição, Amsterdão, 1681. No prólogo da edição de 1681, de Trangambar, diz-se que foi revista por Bartolomeu H e Joannes de Vaught. Numa advertência publi-

- cada em Batávia, em 1683, foram citados mais de 1000 erros.
4. Novo Testamento, 2.^a edição, Batávia, 1693.
O texto não melhorou muito. Foi revisto por Teodoro Zar e Jacobus op den Akker.
 5. Novo Testamento, 3.^a edição, Amsterdão, Sociedade Inglesa para o Conhecimento Cristão, 1712. Há um exemplar na Biblioteca do Ministério da Guerra (n.º 11.236).
 6. Livros Históricos do Velho Testamento (de Josué a Ester), Trangambar, Real Missão da Dinamarca, 1738.
 7. Novo Testamento, 1.^a edição de Trangambar, Real Missão da Dinamarca, 1738.
Seguiram-se várias edições na mesma tipografia.
 8. Salmos, Trangambar, Real Missão da Dinamarca, 1740.
 9. Livros Dogmáticos do Velho Testamento (Job a Cantares de Salomão), Trangambar, Real Missão da Dinamarca, 1744.
 10. Velho Testamento, 1.^a ed., 1.^o tomo: de Génesis a Ester. Batávia, Companhia das Índias Neerlandesas, 1748.
 11. Velho Testamento (4 Profetas Maiores), Trangambar, Real Missão da Dinamarca, 1751. O livro de Daniel foi traduzido por Christóvão Theodorico Walther, antes de 1741.
 12. Velho Testamento, 2.^o Tomo: Job e os Profetas Maiores e Menores. Batávia, Campanha das Índias, 1753.
Tem a indicação de ser tradução de João Ferreira d'Almeida e Jacob op den Akker.
 13. Os Cinco Livros de Moisés, Trangambar, Real Missão da Dinamarca, 1757.
 14. Novo Testamento. Em dois volumes. 1.^a parte: os 4 Evangelhos. Trangambar, 1760.
 15. Novo Testamento. 2.^a parte. Trangambar, 1765.
- Texto revisto pelos missionários de Trangambar. Impresso na Real Missão da Dinamarca. Contém um prólogo de João Ferreira de Almeida. Biblioteca do Ministério da Guerra (n.º 11.333).
16. Novo Testamento. 1773. Batávia. (4.^a ed. de Batávia). Foi revista por João Mauritz Moh e levou 9 anos para a expurgar dos erros que as outras edições tinham. Há um exemplar na Biblioteca do Ministério da Guerra (n.º 11.237). Diz que esta edição foi feita para ser distribuída gratuitamente pelos membros da igreja portuguesa desta cidade.
 17. Novo Testamento. Londres, 1809. Destinou-se a ser introduzido em Portugal, para o que se fizeram 20.000 exemplares pela Sociedade Bíblica. Foi revista por Tomaz Boys, oficial inglês que serviu em Portugal e a quem a Sociedade Bíblica confiou a revisão. Biblioteca Nacional de Lisboa.
 18. Livro dos Salmos, Trangambar, 1810.
 19. Novo Testamento. Londres, 1811.
Encontra-se na Biblioteca Nacional de Lisboa.
 20. Novo Testamento. Londres, 1813. É uma segunda edição da edição de 1811 e a primeira a ser feita pela Sociedade Bíblica de Londres.
 21. A Bíblia. Londres, Sociedade Bíblica, 1819.
É a primeira vez que a Bíblia aparece completa, num só volume.

Línguas de que foram feitas as traduções

1. Do Latim.

Na dedicatória da sua obra, *Diferença da Cristandade*, Almeida escreve: "... pus-me em Málaca com todas as minhas forças a traduzir do latim do mui reverendo P. Teodoro de Beza, o novo e sacrossanto Testamento Novo..." Edição de 1684. Batávia.

Na página 28 de *Duas Epístolas e Vinte Propostas do Padre JFA ao sr. J. Correia de Mesquita*:

"Eu lho li todo inteiro, primeiramente em latim e depois do latim em português, em tal modo lho declarei, que todos muy bem o podião entender."

2. Do Holandês.

"Esta versão do N. T. foi feita (como mostra o título) pelo Rev. Padre João F. Almeida que seguiu pontualmente a Bíblia Holandesa." — Dedicatória do Novo Testamento, 1765, Trangambar.

No livro *A Expansão da língua portuguesa no Oriente, nos séculos XVI e XVII*, a páginas 117-118, David Lopes diz: "Almeida não fez a sua tradução dos livros sagrados dos textos originais — gregos e hebraicos — que ele não deveria conhecer — ao contrário do que afirmou Ribeiro dos Santos. Por isso os missionários de Trangambar, homens doutos — o que Almeida não era — saídos da Universidade de Halle, conferiram as traduções dele com esses textos originais."

Terão as Bíblias de João Ferreira de Almeida alcançado o território português?

Era desejo de João Ferreira d'Almeida que a Bíblia fosse colocada à disposição de todos os falantes de língua portuguesa e, por isso, a sua tradução do canon bíblico tinha precisamente este objectivo. Na dedicatória da edição portuguesa à *Diferença da Cristandade*, publicada em 1668, João Ferreira de Almeida lastimava e mostrava-se mesmo surpreendido "Que seja possível que não haja já hoje, em toda a nossa Europa, a mínima nação, que em sua própria língua materna não tenha já impressa toda a Escritura Sagrada; e que só a Portuguesa não tenha ainda na sua impresso nem ainda um só Evangelho?"

O seu contributo para que a Palavra de Deus fosse colocada à disposição das comunidades portuguesas é

bastante notório, pois sabe-se que antes mesmo de ter sido impressa, a sua tradução do Novo Testamento já circulava, em cópias manuscritas, entre os crentes de Batávia e regiões circunvizinhas.

Assim, no Inventário do arquivo secreto do Santo Ofício da Índia, Goa, 1674, não causa surpresa que a página 254 cite entre os livros apreendidos:

«1. Um livro de fólio manuscrito do Testamento Novo em português.

2. Onze tomos do Velho e Novo Testamento em português, do Pe. J. F. A.

3. Um tomo com as 12 Diferenças da Cristandade, de J. F. A.»

Menendez Pelayo, o conhecido historiador espanhol que tanto interesse manifestou pelas coisas portuguesas, confirma que “Muitos desses Novos Testamentos se espalharam pelas possessões portuguesas da Índia.” — Menendez Pelayo, *Historia dos Heterodoxos Espanhóis*, vol. IV.

Na *História Cronológica e Crítica da Real Abadia de Alcobaça*, Lisboa, 1827, p. 65, há também uma inequívoca referência à circulação da tradução da Bíblia feita por Ferreira d’Almeida:

“A (Bíblia) que hoje corre entre nós, do apóstata João Ferreira d’Almeida, que debaixo da capa de termos velhos e antiquados não se esquece de propinar o veneno das heresias, que professava.”

Alguns dizem que J. F. A. teria sido condenado pela inquisição em Goa. O padre Hieronymo de Siqueira, na sua *Carta Apologética*, cita, na página 13, o medo que, muito naturalmente, Almeida mostrava pelo Tribunal da Inquisição.

Também Baldeo, na obra *Costa do Malabar*, p. 150, diz que a sua esfinge havia sido queimada publicamente em Goa. E a razão de tal gesto é compreensível.

Só consegui encontrar no Inventário Secreto do Santo Ofício da Índia — manuscrito 2273 da Torre do Tombo — uma referência a João Ferreira. Ora, ele foi tratado por estes dois nomes em muitos escritos, mas é difícil de afirmar que se refiram à mesma

pessoa. Todavia, na página 254 desse documento, são citadas algumas obras suas que foram apreendidas pelo Tribunal.

Apreciação da obra de João Ferreira de Almeida

Menendez Pelayo, na *História dos Heterodoxos Espanhóis*, vol. IV, diz o seguinte, referindo-se a João Ferreira d’Almeida:

“É o único protestante lusitano conhecido do século XVII e a quem a sua língua deve o mesmo serviço que a nossa a Casiodoro de Reina e a Cipriano de Valera.

Teófilo Braga, no *Manual de História da Literatura Portuguesa*, Porto, 1875, p. 350, diz o seguinte:

“É esta tradução o maior e mais importante documento para se estudar o estado da língua portuguesa no século XVII; o Padre João Ferreira de Almeida, ministro pregador do Evangelho em Batávia, pela sua longa residência no estrangeiro, escapou incólume à retórica dos seiscentistas; a sua origem popular e a comunicação com o povo levaram-no a empregar formas vulgares que nenhum escritor cultista do seu tempo ousaria escrever. Muitas vezes o esquecimento das palavras usuais portuguesas leva-o a recordar-se de termos equivalentes e é esta uma das causas da riqueza do seu vocabulário. Além disso, a tradução completa da Bíblia presta-se a um sincero estudo comparativo com as traduções do século XIV publicadas por Frei Fortunato de S. Boaventura, e com a tradução do Pe. António Pereira do século 17.»

Outras referências são-lhe menos favoráveis, mas não conseguem, apesar de tudo, passar por alto a influência da sua tradução da Bíblia Sagrada.

Pedro de Azevedo, em “O Calvinista Português João Ferreira de Almeida” no *Boletim da 2.ª classe da Academia das Ciências*, T. XII, pp. 766-773, Coimbra, 1919, diz, referindo-se-lhe:

“Mantendo-se, porém, debaixo da protecção holandesa, nunca se deve ter arriscado a penetrar em território

português, senão quando este mudasse de senhorio. As relações que ele cultivou eram com prisioneiros dos batavos, se bem que depois de 1640 os dois países conservassem um curioso estado de guerra e paz durante alguns anos.”

“Um desses instrumentos [dos holandeses] foi João Ferreira de Almeida e por isso o procedimento não deve ainda hoje ser considerado entre nós benevolmente.”

“A sua tradução do Novo Testamento nenhuma influência exerceu na metrópole e este seria o seu único mérito a nossos olhos.”

Todavia, Guilherme dos Santos Ferreira, na sua já citada obra *A Bíblia em Portugal*, refere-se à existência dessas traduções e acrescenta:

“É bem de lamentar que tenha havido entre os estranhos cinco edições do Novo Testamento de Almeida, e não tenhamos nós uma que nos seja nacional.”

Conclusão

Numa época em que se comemoram os Descobrimientos Portugueses e a influência da Língua Portuguesa seria bom relembrar com mais pormenor e atenção a acção das Igrejas Evangélicas em territórios onde a nossa língua sobreviveu à ocupação colonial de outros países.

João Ferreira d’Almeida procurou, acima de tudo, que verdade bíblica fosse espalhada entre aqueles que conheciam o português. A influência da sua tradução foi imediatamente notória e perdura até aos nossos dias. Bom seria que algumas obras da sua autoria, ou sobre a sua figura de tradutor, professor e pregador pudessem ver a luz do dia. Por outro lado, é apaixonante consultar as obras de controvérsia publicadas na sua época e que revelam um notável e interessante ardor missionário de sua parte.

A melhor homenagem que podemos prestar a João Ferreira d’Almeida é difundir a Palavra de Deus que ele colocou à nossa disposição, na nossa língua.

Notas sobre a Comunidade Portuguesa de Batávia

1634: O pastor Molinaeus oferece-se para fazer pregações em português.

1642: O pastor Rogério encarrega-se de um serviço religioso em português.

1651: É decidido construir uma igreja portuguesa, mas a sua construção levou 20 anos e só se inaugurou em 1673.

Outra nova igreja portuguesa, construída fora da cidade, foi inaugurada em 1693.

1708: Os pastores malaios quiseram impedir a continuação da pregação em português e por isso dirigiram-se aos dirigentes da Companhia das Índias Orientais Neerlandesas. Os pastores da igreja portuguesa — Jacobus op den Akker e Augusto Thornton justificam-se dizendo que a igreja é constituída por ocidentais e seus descendentes, que conhecem a língua portuguesa.

Na página 4 do livro *La communauté portugaise de Batavie*, é dito o seguinte: “Aqueles que falando português são admitidos ao Cristianismo, devem compreender os princípios da religião, não vagamente, mas duma maneira bem segura.” Assim se justificava a existência do português e das comunidades evangélicas portuguesas.

E acrescenta-se, na página 157 do mesmo livro: “A língua portuguesa é uma língua rica, como as outras línguas europeias, apropriadas à religião razoavelmente, bem feita para conformar, pela sua riqueza a verdade religiosa por meio de demonstrações concludentes, para a tornar evidente ao respeito das gentes e convencê-los para que eles aceitem a Fé.”

De Outubro de 1688 a Fevereiro de 1708 foram baptizados 9.578 crentes nas igrejas portuguesas de Batávia e foram recebidos mais 4.426 nas igrejas portuguesas e 306 na malaia.

Entre os que foram baptizados há somente 42 orientais. Estes dados são tirados de uma carta com data de 12 de Março de 1708.



A 1 de Maio de 1778, o português encontrava-se em decadência, sendo A. Engelbrecht o último pregador a usá-la, em 23 de Setembro de 1808.

A comunidade portuguesa foi finalmente junta à malaia em 1 de Novembro de 1816.

Igreja Portuguesa de Batávia

Em *Macau e a sua diocese*, vol. VI, p. 107, são-nos fornecidos alguns dados sobre esta igreja:

“A igreja, cuja primeira pedra foi lançada em 19 de Outubro de 1693, tem a característica dos templos calvinistas. Em vez do altar-mor, um púlpito destinado à leitura da Bíblia, por sobre o qual corre uma enorme prancha — chamemos-lhe assim — com ornatos,



servindo, possivelmente, de porta-voz. No coro vê-se um grande órgão para acompanhamento dos salmos cantados pelos devotos.”

CALVIN B. ROCK

Cristo

NOSSO PERFEITO

CAMINHO

A base da certeza cristã

Não basta ter um modelo absolutamente perfeito. Não basta ter uma vida aceitável e sem pecado. Tem de haver, em adição e isto, uma maneira de purificar e tornar aceitáveis os caracteres de seres caídos. Temos de ser, como diz a nossa profetisa, “liberto[s] da poluição, assim como da maldição e condenação da lei”. (*Mensagens Selectas*, livro 1, p. 395.)

Nós estamos perdidos. Somos opostos, por natureza, àquilo que Deus é e a quem é Deus. E, de nós mesmos, não possuímos nem o desejo nem a capacidade de mudar. Todavia, Cristo, o nosso perfeito modelo e sacrifício, ordena-nos: “Sede santos, porque eu sou santo” (I Ped. 1:16). Desenvolvendo este pensamento, Ellen G. White escreve: “O evangelho do Novo Testamento não são as normas do Velho Testamento coloca-

das a um nível mais acessível de modo a irem ao encontro do pecador e a salvá-lo nos seus pecados. ... [Deus] exige, agora como sempre, uma justiça *perfeita* como único título para o céu.” (*Review and Herald*, 21 de Setembro de 1886; itálico nosso.) Mesmo no nosso melhor, nós não somos perfeitamente justos. Somos, quando muito, relativamente perfeitos — e isso admite alturas ainda por conquistar, elementos do eu ainda por subjugar.

O nada neutro

A distância entre o nosso “relativo” e o “absoluto” de Deus não é um espaço em branco — páginas limpas em que a natureza ainda não escreveu nada. O que nos separa de Deus não é um nada neutro. A distância entre o nosso relativo e o absoluto de Deus

é egoísmo, orgulho, incapacidade de julgar, intemperança e aquele lado de nós mesmos que Deus nos revela quando crescemos em graça.

Como podemos então ser salvos? Por que processo é que nós, seres humanos — incapazes, pela própria natureza do nosso ser, de progredir no crescimento em direcção à justiça “perfeita” ou “absoluta” — podemos ser considerados aceitáveis? Haverá um bálsamo adequado para a nossa enfermidade? Haverá saída para o nosso dilema?

Sim, e o caminho é óbvio. João viu os remidos no céu. Viu os descendentes de Adão e Eva, uma multidão que ninguém podia contar. Viu-os com palmas nas suas mãos, acenando em alegre aclamação. Ouviu-os cantando o cântico de Moisés e do Cordeiro. E Ellen G. White viu os dois Adãos en-

contrando-se. Presenciou o primeiro Adão a lançar a sua coroa aos pés do Segundo Adão. E viu os descendentes de Adão espalhados pelos ricos campos da nova terra.

Mas como o conseguimos? Através de que meios, somos nós, para quem a justificação é uma experiência que nunca tem fim (ver *Mensagens Selectas*, livro 1, pp. 373, 374), preparados para a vida em lugares tais como estes? O que é que Deus faz com as fraquezas e deficiências dos santos — com a diferença entre o nosso relativo e o Seu absoluto?

Jesus responde de modo claro e absolutamente final quando declara: “Eu sou o caminho” (João 14:6). E o nosso irmão Paulo ecoa em profunda confirmação com estas palavras, ao dizer: “Estais completos n’Ele” (Col. 2:10). O simbolismo utilizado aqui por Paulo (a completude) patenteia, tal como qualquer outro, o processo ou caminho através do qual Cristo completa a nossa aceitabilidade.

O pecado é ruptura, separação, redução e diminuição do estatuto que originalmente nos foi outorgado. Em razão da Queda, nós ficamos incompletos e incapazes. A completude espiritual pode ser nossa outra vez, mas só através de Cristo — somos completos n’Ele. Quando Paulo assim fala, ele não diz que Jesus termina o que nós começámos — que depois de termos feito o nosso melhor, Jesus faz o resto, ou que a justificação é uma combinação de mérito humano e divino, uma parte humana e outra parte divina (e nem sequer, uma leve parte humana e uma grande parte divina). O que Paulo diz é o que Lutero viu ao arrastar-se pela escada de Pilatos; o que Jones, Waggoner e White tentaram tão corajosamente ensinar-nos há 100 anos: que a nossa salvação — que tudo! — vem de Cristo.

O Processo da Salvação

Como assim? Vejamos. Em primeiro lugar, Cristo inicia o processo da salvação chamando-nos através do Espírito Santo. Antes de ouvirmos, de sabermos, ou de estarmos interessados, Cristo está à porta e bate (Apoc. 3:20); a seguir, depois de ter obtido a nossa atenção, Ele vivifica-nos (João 6:63). E fá-lo de dois modos: primeiro, Ele coloca a semente da fé dentro de nós (Rom. 10:17); a seguir, Ele dá-

-nos a vontade para responder ao Seu chamado (I Ped. 1:23).

Ao nos rendermos, Ele concede-nos o poder de arrependimento (Rom. 2:4). Ao nos arrependermos, Ele recorre ao sangue que justifica (Rom. 3:24). A seguir, ao nos justificar, faz a Sua morada nos nossos corações (Rom. 8:9, 10). E ao habitar em nós, Ele completa o processo da nossa adopção na família celestial (Gál. 4:7). E, tendo-nos adoptado, dá-nos o alimento da Sua Palavra, a qual gera em nós o fruto da justiça (João 15:4). Então, quando nós erramos, é pela Sua advocacia que somos perdoados (I João 2:1, 2). E mesmo que sejamos relativamente perfeitos, porque nenhuma bondade humana é bondade que salve, Ele cobre-nos com as Suas vestes de justiça — a Sua perfeita santidade. Noutras palavras: Ele substitui o nosso incompleto e desesperado relativo pelo Seu imputado absoluto. Agora, pergunto: Quanto, de tudo isto, é obra nossa? Do chamado à vivificação, à entrega, ao arrependimento, à adopção, à concessão do poder, à santificação, à intercessão, à cobertura dos nossos pecados, o que é que nós fizemos? Tudo está n’Ele — Ele é o caminho perfeito.

É este o evangelho eterno que os apóstolos pregaram. O seu testemunho foi: Ele nos elegeu n’Ele (Efés. 1:4). Nós temos vida n’Ele (II Tim. 1:1). Nós temos fé n’Ele (Col. 1:4). O nosso fundamento está n’Ele (Col. 2:7). Somos edificados n’Ele (verso 7). Andamos n’Ele (verso 6). Cremos n’Ele (Efés. 1:3). Temos alegria n’Ele (Fil. 3:1). Temos esperança n’Ele (I Cor. 15:19). Temos ânimo n’Ele (Efés. 3:12). Temos unidade n’Ele (João 17:21). Somos preservados n’Ele (Judas 1). Somos feitos justos n’Ele (II Cor. 5:21). Temos paz n’Ele (Rom. 5:1). Não se trata de obras ou poder; não se trata de leis, conhecimento, título de posse ou posição, números ou consecuições — toda a salvação se encontra n’Ele! Ele é o nosso perfeito modelo. Ele é o nosso perfeito sacrifício. Ele é o nosso perfeito caminho.

Jesus é o Caminho!

Então, quando pregamos aos nossos amigos agnósticos — aqueles cujo credo mais profundo é uma religião cívica — temos de felicitá-los pelos seu ardente empenho e fervorosos es-

forços para melhorarem a sociedade. Mas temos de dar-lhes a saber que a verdadeira justiça e a paz real só se podem obter no Cristo da cruz — e que Jesus é o caminho!

Quando pregamos aos nossos amigos filósofos, temos de ser vivos em demonstrar-lhes que todos os outros desígnios morais falharam, que o melhor da sabedoria humana é inadequado para a transformação do carácter, e que Jesus é o caminho!

Quando pregamos a religiosos não-Cristãos — a Budistas, Muçulmanos, Hindus e outros — devemos felicitá-los pela sinceridade que expressam muitas vezes nas suas devoções, mas temos de fazer-lhes saber que o Cristo do túmulo vazio oferece um caminho diferente, um caminho melhor, um caminho perfeito; que o que lhes oferecemos é um Deus “conosco”, que Jesus é o caminho!

E quando pregamos nos nossos próprios círculos, temos de tornar bem claro que nenhum esforço ou piedade, que nenhum nível de perfeição humana, é uma perfeição que salve; não há nenhum ponto de paragem na nossa subida; que, “enquanto Satanás reinar, teremos de subjugar o próprio eu, teremos assaltos a vencer e não há lugar de parada, nenhum ponto a que possamos chegar e dizer que atingimos plenamente” (*Testimonies*, vol 1, p. 340; cf. *Testemunhos Selectos*, vol I, p. 114). E temos de deixar bem claro que agora — neste preciso momento — na nossa condição tão necessitada de crescimento, somos proclamados justos (*Mensagens Selectas*, livro 1, p. 394; Rom. 4:3-5). Temos de pregar que esta justificação presente é uma imputação recíproca: os pecados do culpado são imputados n’Aquele que é totalmente perfeito, enquanto a Sua justiça nos é imputada a nós, que somos totalmente culpados. Não é uma troca justa ou merecida, mas é a única salvação possível. E se tivermos a coragem de crer nesta incompreensível magnanimidade, somos completos n’Ele!

E notemos que Paulo fala no presente do indicativo: estais completos n’Ele. Não é quando fomos baptizados, não é quando Jesus vier ou quando formos para o céu, mas agora — precisamente agora! Já! Pela fé! Se ousarmos aceitar o Seu dom, somos completos n’Ele.

Negócio de alto risco?

Parece-me ouvir alguém dizer: Como pode ser isso? Como pode a Divindade arriscar tanto em favor da humanidade? Como pode Deus declarar a completude daqueles que ainda estão a caminho, que ainda não alcançaram perfeitamente? Como pode declarar como aceitáveis os que por natureza são inaceitáveis? Como pode a Trindade arriscar a Sua reputação em tão ousada graça? A resposta é dupla: Em primeiro lugar, Cristo toma tal atitude porque a fé que Ele vê em nós não é de facto nossa: é Sua. Ele vê a Sua fé em nós e honra essa fé. Ela é nossa na medida em que nós somos os seus veículos, os seus agentes. Mas ela é d'Ele, no sentido em que a nossa fé é realmente um princípio divino que trabalha em nós — é um tesouro celestial em vasos terrenos. Ele sabe que a seu devido tempo a dinâmica da fé cumprirá o seu objectivo. Assim, é uma concessão antecipada que nos é feita. Ele vê-nos como se a Sua fé já tivesse tornado perfeito o seu objecto. Não é realmente a nossa fé n'Ele que torna válida a declaração; é a Sua fé dentro de nós que tem di-

reito à Sua confiança. Não é o nosso segurar-nos a Ele que salva; é o Seu agarrar-nos a nós. “Porque Deus é o que opera em vós, tanto o querer como o efectuar, segundo a sua boa vontade” (Fil. 2:13).

Em segundo lugar, Deus age com essa confiança porque, em última análise, não é sobre nós que recai o olhar do Pai, mas sobre o manto da justiça de Cristo que nos cobre. A admoestação da Testemunha Verdadeira, de Apocalipse 3, a Laodiceia, de que se vista com vestidos brancos, destinase a lembrar, não ao mundo mas à igreja, que conquanto as vestes da justiça de Cristo não cubram o pecado acariciado, elas cobrem a nossa carne não santificada — a natureza pecaminosa que teremos até ao dia da nossa transladação (ver *Mensagens Seleccionadas*, livro 1, p. 373). As vestes de Cristo são, por conseguinte, a nossa única esperança de aceitação — o único caminho para passar o elevado teste da santidade perfeita.

A justiça pela fé pode ser ilustrada de muitas maneiras: pelo cutelo de Abraão brilhando sobre a carne fremente de Isaque (Gén. 22:10); pela

mitra brilhante que era colocada na cabeça do sacerdote (Êxo. 28:36, 37); pelos vestidos coloridos dos filhos de Aarão (verso 4); pelo incenso que era queimado diante do véu (Êxo. 30:1-8); pelo traje nupcial de Isaías (Isa. 61:10); pelos vestidos novos e limpos de Josué (Zac. 3:1-5); pelo vestido nupcial da parábola das bodas (Mat. 22:11, 12); pelo vestido que é dado ao filho pródigo (Lucas 15:22); pela jorna imerecida que é paga aos trabalhadores (Mat. 20:1-16); pelo azeite das lâmpadas das virgens prudentes (Mat. 25:4); pelos vestidos brancos à disposição de Laodiceia (Apoc. 3:18); pelos trajes celestiais que os remidos vestirão (Apoc. 7:9-15); e, evidentemente, por muitas outras maneiras.

Mas a ilustração mais significativa para o nosso objectivo aqui é a Pérola de grande preço (Mat. 13:45, 46). É de “grande preço” porque Cristo morreu por nós e porque Ele reclama como Sua a vida dos Seus seguidores. Só nos é concedida a posse dessa Pérola quando estamos dispostos a morrer pela sua aquisição. Mas vale a pena. Porque esta Pérola é a nossa garantia de eternidade, o nosso penhor daquele lugar em que os resgastados do Senhor virão e cantarão com júbilo e “gozo e alegria alcançarão” (Isa. 35:10).

Qual é, então, o caminho da salvação? Isaías chama-lhe “elevado caminho”, “caminho santo” (verso 8). A epístola aos Hebreus declara que é um “novo e vivo caminho que ele nos nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne” (Heb. 10:20).

É, portanto, o evangelho eterno; “É a mensagem do terceiro anjo, em verdade.” (*Testemunhos Seleccionados*, livro 1, p. 372.) Quando fielmente apresentada, estas mensagens encontram o seu paralelo na proclamação de Noé; reflecte-se na reconstrução levada a cabo por Neemias; duplica-se na restauração de Elias; repete o reavivamento de João Baptista; cumpre a reforma que os três anjos anunciam; e, pela Sua imutável e inalterável promessa, apressará a volta do Senhor. □

JANELAS SOBRE O MUNDO

A Lei e o Evangelho

A lei é o evangelho envolvido; o evangelho é a lei desenvolvida.

A lei é o evangelho encoberto; o evangelho é a lei descoberta.

A lei é o evangelho velado; o evangelho é a lei revelada.

A lei é a plenitude do evangelho esboçada; o evangelho é a plenitude da lei retratada.

A lei é o evangelho em seu mínimo; o evangelho é a lei em seu máximo.

A lei contém o evangelho; o evangelho mantém a lei.

A lei é o evangelho entrevisto; o evangelho é a lei iluminada.

A lei indica a Christo; o evangelho O contém.

Practical Lessons from the Experience of Israel, por F. C. Gilbert, p. 168, 169.

Calvin B. Rock, antigo presidente do Colégio de Oakwood, é actualmente vice-presidente da Conferência Geral.

Projecto da Divisão Euro-Africana para a Semana de Extensão Missionária 1991:

**Decorre durante o mês de Outubro esta Campanha missionária especial:
Livros e Bíblias para a Bulgária, Roménia e Checoslováquia**

Ao deixar a terra, Jesus deixou à igreja, cujos fundamentos acabara de lançar, uma missão específica: dar testemunho “tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra” (Actos 1:8).

No pensamento do nosso bem-amado Mestre não existia a ideia de que os discípulos deveriam converter o mundo ou cristianizar as nações, mas sim que deveriam levar a boa nova a todos os indivíduos, dando-lhes a possibilidade de ser salvos e tornarem-se filhos de Deus, aceitando-O como seu Salvador pessoal.

A missão confiada pelo Senhor aos apóstolos, no monte das Oliveiras, foi bem compreendida. A Igreja Adventista chama-lhe hoje Missão Global:

- todo o evangelho
- a toda a terra
- por toda a igreja
- em toda a plenitude do Espírito Santo

É certo que o Senhor que nos deu a missão prepara também as condições favoráveis à proclamação da mensagem. É o que está acontecendo hoje em diversos lugares do mundo. No que diz respeito à Divisão Euro-africana, são os países do Leste: Bulgária, Roménia e Checoslováquia que, aproveitando a ocasião favorável que se lhes depara, estão proclamando a mensagem. Organizaram-se novas igrejas, realizaram-se conferências bíblicas e os membros leigos estão mobilizados para irem de porta a porta dar testemunho da sua fé. Como re-

sultado, milhares de pessoas — homens, mulheres e crianças — encontram o caminho da reconciliação e da salvação.

Os nossos irmãos responsáveis pela obra nestes países lançam-nos um apelo: “Desejamos alcançar agora todas as cidades e todas as aldeias do nosso país; para isso precisamos de Bíblias e de livros, porque já não temos mais.”

Por ocasião do conselho anual da Divisão, em Novembro de 1990, o irmão Dumitrescu, presidente da Roménia, apresentou-nos o seguinte relatório:

“Os membros leigos e os pastores começaram a editar revistas e folhe-

te começaram a editar revistas e folhetos à sua própria custa. O nosso objectivo é levar a Cristo 20.000 pessoas durante o quinquénio de 1990-1995 de Missão Global. Para alcançar este alvo, declaramos “mobilização geral” em toda a igreja. Esta missão inclui todos os meios, todas as energias, todos os grupos etários, todas as possibilidades, todos os recursos das nossas 826 igrejas locais, que subscrevem este projecto.”

O apelo que estes países nos fazem é sempre o mesmo: precisamos de Bíblias e de folhetos. A Divisão Euro-africana já começou a responder a este apelo, enviando-lhes cerca de 65.000 Bíblias e outras obras.

Mas não podemos ficar por aqui. A minha convicção profunda é que cada membro de igreja vai compreender que participar neste grande projecto da **Semana de Extensão Missionária** é um privilégio que Deus nos concede e que nós devemos aceitar.

Agradecemos a todos o seu empenho e generosidade em favor dos nossos irmãos da Bulgária, Roménia e Checoslováquia, assegurando-lhes o envio de Bíblias e outra literatura, que eles tanto necessitam para cumprir a ordem do Salvador, a qual é também para todos nós: Levar a boa nova da salvação em Jesus “até aos confins da terra”.

<p>Bulgária:</p> <p>9.970.000 habitantes 3.327 membros 56 igrejas</p>
<p>Roménia:</p> <p>22.936.000 habitantes 60.000 membros 826 igrejas</p>
<p>Checoslováquia:</p> <p>15.573.000 habitantes 7.910 membros 174 igrejas</p> <p>[Dados de Março de 1991]</p>

José Carlos Costa é departamental dos Ministérios da Igreja na Divisão Euro-africana.



Nós o Veremos No Poder do Pentecostes

*Mensagem devocional
apresentada na Conferência
Geral de Indianópolis, no
dia 13 de Julho de 1990.*

A única razão para a existência da Igreja Adventista do Sétimo Dia neste mundo é a proclamação do Evangelho. Esta é a comissão dada por Cristo aos Seus seguidores em Mateus 24:14. E o grande apóstolo dos gentios diz que somos embaixadores de Cristo para anunciar em Seu lugar a reconciliação do mundo com Deus (II Cor. 5:19 e 20).

«Todos quantos recebem a vida de Cristo são mandados trabalhar pela salvação de seus semelhantes. Para essa obra foi estabelecida a igreja, e todos quantos tomam sobre si os seus sagrados votos, comprometem-se, assim, a ser coobreiros de Cristo.» — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 822.

Promete-se a esta igreja todo o poder no Céu e na Terra se ela cumprir a sua missão de fazer discípulos de todas as nações (ver Mat. 28:18, 19). O grande Eu Sou diz: «Eu estou convosco sempre, até à consumação do mundo» (verso 20).

O Reavivamento antecede o Pentecostes

Antes do Pentecostes, Cristo prometeu: «Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo» (Act. 1:8).

Esse poder foi experimentado pela igreja cristã primitiva. O reavivamento, porém, antecedeu aquele Pentecostes. Todos os participantes da igreja cristã primitiva estavam empenhados na obra de reavivamento. Diz o relato sagrado: «Todos estes perseveraram unânimes em oração» (v. 14).

No dia do Pentecostes, a chama do Deus vivo estava ardendo no coração do Seu povo, inflamada pela sua vida de oração. A igreja começou com reavivamento. Estamos nós terminando em ritual? Eles eram homens e mulheres possuidores de ardor, não de títulos; hoje, muitos possuem títulos, mas não têm o fogo divino. Eles encontravam-se no compartimento superior, em sofrimento; hoje nós vamos ao grande auditório, organizar. O reavivamento está atrasado, porque a vida de oração está decaída. A pessoa que ora deixará de pecar, e a pessoa que peca deixará de orar.

A oração resultou no cumprimento do prometido poder do Pentecostes.

Quando falo de liberdade, lembro-me sempre de Patrick Henry. O mundo amante da liberdade imortalizou o seu discurso na convenção de Virgínia em 23 de Março de 1775: «É a vida tão desejável ou a paz tão doce que deva ser obtida ao preço de cadeias e escravidão? Proíbe-a, Deus todo-poderoso. Não sei que rumo outros podem tomar; quanto a mim, dá-me a liberdade ou dá-me a morte!» Irmãos e irmãs, a mais terrível escravidão que existe hoje na igreja é a escravidão do pecado. Estamos nós repetindo os pecados dos israelitas, que fizeram com que milhares deles fossem deixados no deserto, sem ver a Terra Prometida? Diz Paulo: «Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram sob a nuvem, e todos passaram pelo mar, tendo sido batizados, assim na nuvem, como no mar, com respeito a Moisés. Todos eles comeram de um só manjar espiritual... Entretanto, Deus não se agradou da maioria deles, razão porque ficaram prostrados no deserto. Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobicaram» (I Cor. 10:1-6).

Paulo notou quatro coisas más que impediram muitos dos israelitas de entrar na Terra Prometida. São elas:

1. «Não vos façais, pois, ídólatras, como alguns deles... O povo assentou-se para comer e beber, e levantou-se para divertir-se» (verso 7). Tornaram-se «antes amigos dos prazeres que amigos de Deus» (II Tim. 3:4).

2. «Não pratiqueis imoralidade, como alguns deles o fizeram, e caíram num só dia vinte e três mil» (I Cor. 10:9).

3. «Não ponhamos o Senhor à prova» (verso 9). Eles contenderam com Moisés e o desafiaram a produzir água em Massá e Meribá, dizendo: «Está o Senhor no meio de nós, ou não?» (Êxo. 17:7). Os seus pecados tornaram-lhes o coração tão insensível que já não podiam sentir a presença de Deus entre eles.

4. «Não murmureis como alguns deles murmuraram» (I Cor. 10:10). Gostamos de cantar: «Senhor, pela manhã ouvirás a minha voz que ascende ao alto». Que espécie de voz estamos alçando ao trono de Deus? A segunda estrofe diz: «Apresentando ao trono de Seu Pai nossos cânticos e lamentos». Que geração queixosa e murmuradora nós somos!

«Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos, e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado» (verso 11).

No seu livro *Why Revival Tarries* (Porque tarda o Reavivamento), Leonard Ravenhill parafraseia Patrick Henry: «É o tempo da vida tão deleitoso e tão monopolizadores os confortos do lar, que devam ser comprados com a minha infidelidade e sequidão devocional? No juízo final, acusar-me-ão os milhões que perecem, de materialismo trajado com uns poucos versos das Escrituras?»

«Proíbe-o, Deus todo-poderoso! Não sei que direcção outros podem tomar; quanto a mim, dá-me o reavivamento em minha alma, minha igreja e minha nação — ou dá-me a morte!»

Eis o chamado para o reavivamento total:

«Tocai a trombeta em Sião, promulgai um santo jejum, proclamai uma assembleia solene. Congregai o povo, santificai a congregação, ajuntai os anciãos, reuni os filhinhos e os que mamam; saia o noivo da sua recâmara, e a noiva do seu aposento. Chorem os sacerdotes, ministros do Senhor, entre o pórtico e o altar, e orem: Poupa o teu povo, ó Senhor, e não entregues a tua herança ao opróbrio, para que as nações façam escárnio dele. Porque não-de dizer entre os povos: Onde está o seu Deus?» (Joel 2:15-17).

Necessitamos de Joéis hoje, que levem o povo de Deus à Terra Prometida. O irmão pode ser um deles. Irmã, Deus pode usá-la. A Igreja Adventista do Sétimo Dia necessita do reavivamento hoje, para ver a Cristo no prometido poder do Pentecostes. Por meio do profeta Joel, disse Deus: «Alegrai-vos, pois, filhos de Sião, regozijai-vos no Senhor vosso Deus, porque Ele vos dará em justa medida a chuva; fará descer, como outrora, a chuva temporã e a serôdia» (v. 23).

A chuva temporã, ou a repetição do Pentecostes, refere-se à doação do Espírito Santo aos crentes em medida mais abundante do que já o foi, a fim de que a última mensagem de advertência se avolume até se tornar um alto clamor, a fim de preparar um povo digno para a colheita do evangelho antes que Cristo volte.

Efeitos do Poder Prometido

Ao olharmos retrospectivamente para a experiência da igreja cristã primitiva, verificamos estes efeitos, resultantes do poder prometido durante o Pentecostes:

1. A igreja estava cheia de poder para proclamar a mensagem da salvação com ousadia (Actos 4:31). Milhares foram conquistados para Cristo (Actos 2:42; 4:4; 5:14).

2. A igreja estava unida. «Da multidão dos que creram era um o coração e a alma» (Actos 4:32).

3. A direcção dava total apoio à igreja: «Com um grande poder os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor Jesus ... Pois ne-

nhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as traziam os valores correspondentes, e depositavam aos pés dos apóstolos; então se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade» (versos 33-35).

4. Num curto espaço de tempo, o mundo inteiro foi evangelizado. A proclamação do Salvador crucificado e ressurrecto se tornou um alto clamor, e os apóstolos “transtornaram o mundo” (Actos 17:6).

Queremos ver a Jesus

O mundo necessita de Jesus. A igreja deve passar pela experiência da ressurreição de Lázaro, para despertar a atenção da vizinhança para o Senhor. O capítulo doze do Evangelho de João conta-nos que «seis dias antes da Páscoa, foi Jesus a Betânia, onde estava Lázaro, a quem ressuscitara dentre os mortos... Soube numerosa multidão dos judeus que Jesus estava ali, e lá foram não só por causa dele, mas também para ver a Lázaro a quem ele ressuscitara dentre os mortos» (versos 1-9).

A tragédia do cristianismo hoje é que temos muitos homens mortos no púlpito, pregando muitos sermões mortos a muitas pessoas mortas. A pregação destituída de poder não muda nem transforma a vida das pessoas, porque é alimentada numa alma destituída de fervor e de oração. Necessitamos da visita de Jesus. Necessitamos de uma ressurreição espiritual, a fim de que as pessoas vejam a Jesus no nosso novo viver em Cristo.

A influência de Lázaro ressuscitado espalhou-se profundamente. Multidões vieram vê-lo. Muitos dos judeus converteram-se a Cristo por causa dele. “De sorte que os fariseus disseram entre si: Vede que nada aproveitais! eis aí vai o mundo após Ele” (João 12:19).

Os descrentes foram atraídos para a igreja de Lázaro. O verso 20 diz que certos gregos “subiram para adorar durante a festa” no templo em Jerusalém. Eram estranhos ao aprisco de Israel — eram gentios. Contudo, vieram e, ao verem Filipe, o discípulo de Cristo, rogaram: “Senhor, queremos ver a Jesus” (verso 21).

Este é o desafio ao Cristianismo de hoje. É o desafio à Igreja Adventista do Sétimo Dia, hoje — revelar Jesus ao mundo.

Quão verdadeiras são as belas pa-

lavras do cântico: “Falta ao mundo Cristo, um lampejo só”. Muitos estão apreensivos quanto ao futuro, muitos estão famintos, muitos têm lares desfeitos e grande número está perdendo a confiança na própria vida. O mundo encontra-se em crise política, económica e social, e em decadência espiritual. No íntimo do coração de milhões o clamor é: “Queremos ver a Jesus”. Está a igreja preparada para responder a este clamor?

Podemos dizer como Paulo: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo se entregou por mim” (Gál. 2:19 e 20).

Confiante em que Cristo estava com ele, Paulo declarou: “O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e visteis em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco (Fil.4:9). “Queremos ver a Jesus”. “Vêem os outros Jesus em mim? Vêem os outros Jesus em ti?” É tempo de ver a Jesus no prometido poder pentecostal.

Irmãos e irmãs de todo o mundo, filhos e filhas de Deus: nós amamos esta igreja e desejamos ver a Jesus nesta geração. Unamo-nos, pois, na obra de reavivamento. Fora com os produtores de prazeres que desagradam a Deus. Fora com os ídolos deste mundo. Fora com a imoralidade sexual e fora com a murmuração.

O apelo de Paulo é: “Rogo-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa, e que não haja entre vós divisões; antes sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer” (I Cor. 1:10). O reavivamento e a união antecedem o Pentecostes. Permitamos que o reavivamento e a união ocorram agora, e O veremos no prometido poder pentecostal.

É hora de o Senhor vir. Estamos agora nos últimos dias que antecedem o reino milenial dos santos.

Oremos pela chuva serôdia agora. Façamos com que a última mensagem de advertência se torne num alto clamor em torno do globo, e nós O veremos no prometido poder do Pentecostes.

Grandes possibilidades e imensas necessidades

Robert Folkenberg e Edwin Ludescher visitam os países da Europa de Leste

As extraordinárias mudanças que se produziram nos países do Leste europeu representam um grande desafio para a nossa Igreja. A situação na Bulgária, na Checoslováquia, na Roménia e na Alemanha de Leste caracteriza-se, simultaneamente, por vastas possibilidades e por imensas necessidades.

Há dez meses, a Divisão Euro-Africana convidou o irmão Robert Folkenberg para vir visitar estes territórios, a fim de conhecer, pessoal e directamente, a situação. Tratava-se de chamar a atenção da Conferência Geral para as grandes possibilidades e necessidades da hora actual.

A nossa visita teve lugar de 21 de Maio a 3 de Junho do corrente ano. O irmão Folkenberg veio acompanhado por sua esposa, pelo casal McNeilus, um empresário adventista, e mais três outros irmãos, todos vindos da América.

Bulgária

O número de membros na Bulgária é actualmente de 3.700, que espalham o Evangelho intensamente por todo o país. No decurso dos últimos cinquenta anos, só foi possível construir duas igrejas. Temos de recuperar urgentemente este atraso. Existe uma grande necessidade de Bíblias e outra literatura adventista. Outro ponto vital é a formação dos nossos pastores.

Durante a nossa visita, tivemos várias reuniões com os irmãos, particularmente em Varna e Sófia, em salas públicas. Ao todo, contactámos com cerca de 3.000 membros. Elaboraram-se localmente alguns planos, que po-

demos resumir da seguinte maneira:

— Construção de 47 novas igrejas, o que em muitos casos pressupõe a transformação de locais já adquiridos para esse efeito.

— Instalação de um estúdio radiofónico na capital.

— Prover meios para as campanhas de evangelização, especialmente uma grande quantidade de Bíblias.

— Intensificação da formação pastoral.

O custo de todo este programa foi calculado em 270 mil contos.

Roménia

Este país conta com 60.000 membros, repartidos por 825 igrejas locais. Tivemos oportunidade de reunir-nos com cerca de 25.000 deles. No Sábado, 25 de Maio, havia umas 8.500 pessoas presentes num grande salão público de Bucareste. A evangelização é a maior preocupação das igrejas da Roménia. Os pastores J. Elysée, da França, e H. Mayer, da Alemanha,



tiveram oportunidade de realizar ali campanhas de evangelização com resultados bastante satisfatórios: mais de 250 almas se entregaram ao Senhor.

O dia 28 de Maio foi uma data importante. O presidente da República da Roménia, Ion Iliescu, concedeu-nos uma entrevista. Os adventistas não são desconhecidos para o Presidente. Ele garantiu-nos o seu apoio para a instalação de um seminário de teologia (com um complexo agrícola) nos arredores de Bucareste. O nosso amistoso diálogo terminou com uma nota espiritual: fizemos uma oração de despedida. Além disso, a televisão e a imprensa cobriram o acontecimento.

A formação de pastores, a evangelização e a proclamação da mensagem adventista pela rádio e página impressa são os objectivos a que devemos dedicar a nossa maior atenção. Para isso, foi elaborado um programa de acção cujos principais objectivos são os seguintes:

— Prover os meios financeiros necessários para a evangelização.

— Construir uma casa editora em Bucareste.

— Instalar uma emissora em Bucareste.

— Construir um seminário de teologia para a formação dos nossos pastores

— Envio de Bíblias.

O plano geral está avaliado em cerca de 86 mil contos.

Checoslováquia

As 174 congregações da Checoslováquia compreendem um pouco mais de 8.000 membros. Na nossa viagem visitámos as cidades de Praga

e Bratislava. Também neste país a evangelização é um assunto prioritário. A atenção da igreja está centrada na Missão Global, com o desejo de aproveitar com rapidez e dinamismo a ocasião de ouro que se nos depara no momento actual.

Na quarta-feira, 29 de Maio, tivemos a oportunidade de ter uma entrevista com o presidente do Parlamento, Alexander Dubcek. A reunião durou cerca de quarenta e cinco minutos e terminou também com uma oração. O sr. Dubcek conhece bem os adventistas graças a uma experiência positiva que ele viveu em 1944, com uma família adventista, na Eslovénia. Temos esperança de recuperar os 42 imóveis da nossa igreja, que nos foram confiscados pelo governo na década de sessenta. Dentro de um mês será votada pelo Parlamento uma lei que nos favorece neste sentido.

Há muitas necessidades na Checoslováquia. O plano de ajuda que elaborámos tem os seguintes pontos:

— Conceder fundos para a evangelização.

— Instalar um estúdio radiofónico em Praga.

— Construir um seminário de teologia.

— Editar livros adventistas na editora que já temos neste país.

O orçamento global de ajuda ascende a mais de 96 mil contos.

Alemanha de Leste

Os 8.500 membros de igreja na Alemanha de Leste formam 271 igrejas locais. Visitámos Neuruppin, Kopenik, Cottus, e o Seminário de Friedensau. Por toda a parte fomos recebidos calorosamente.

O pastor Folkenberg ficou muitíssimo impressionado com a instituição de Friedensau e com as grandes possibilidades de desenvolvimento da nossa obra na Alemanha. Tivemos uma entrevista com cinco representantes das autoridades locais e da Igreja Evangélica, que vieram saudar o nosso visitante dos Estados Unidos. Nessa reunião falou-se dos novos projectos de desenvolvimento de Friedensau como complexo educacional. Mais tarde haverá que ajudar a Alemanha de Leste noutros aspectos menos evidentes.



Esta viagem era uma necessidade absoluta. Para os que nela participaram, foi uma fonte de bênçãos extraordinárias. O custo total dos programas que se vão realizar nos diferentes países eleva-se a mais de 452 mil contos, que serão financiados por três canais: donativos particulares de irmãos dos Estados Unidos, fundos

da Conferência Geral e da Divisão Euro-africana. Grandes possibilidades e imensas necessidades requerem acções especiais. Que o Senhor nos ajude a levar avante estes planos!

Edwin Ludescher é presidente da Divisão Euro-africana.

PSICOLOGIA

CÉSAR V. SOUZA

Deus trabalha consigo na sua mente

«Todos têm problemas de personalidade e todos estão constantemente num processo de reajustamento de tensões dentro da sua personalidade. Ninguém é completamente 'normal'.»¹

O ser humano é uma união de aspectos físicos, mentais e espirituais. Quanto aos aspectos mentais, somos uma combinação de pensamento, sentimento e vontade. Em outras palavras, a nossa mente funciona ou actua baseada na razão, na emoção e na acção. Vez ou outra, é a emoção quem comanda mais, e algumas pessoas são facilmente levadas por suas emoções, ficando facilmente irritadas,

ou explosivas, ou deprimidas, ou eufóricas. Outras são muito racionais, isto é, guardam muito os sentimentos, deixam as emoções muito reprimidas e actuam quase constantemente com o pensamento ou a razão.

O que é mais normal? Talvez o leitor esteja com esta pergunta na cabeça agora. É verdade o ditado que diz que a virtude está no meio. E estar no meio quanto aos aspectos mentais sig-

nifica poder ter expressões de emoções que não devem ficar reprimidas, como também saber mantê-las sob controlo, quando é a razão ou o pensamento que deve actuar. Muitas vezes, as pessoas expressam o que deveria ficar guardado e guardam o que deveria ser expressado.

Freud afirmava que é o desejo que nos move. Acho que ele tinha razão no sentido de que os nossos desejos, conscientes ou inconscientes, são poderosos agentes mentais que tendem a empurrar-nos na vida para a acção. O apóstolo Paulo confirma esta força do desejo, quando comenta sobre as suas lutas pessoais, no livro de Romanos. Lutas por causa de desejos não saudáveis, ou pecaminosos, que ele possuía e dos quais, pela consciência esclarecida, esforço pessoal e graça de Deus, ia e foi sendo curado (salvo), mental e espiritualmente falando. Ele foi adquirindo saúde mental, porque foi recebendo, aos poucos, a natureza divina. Claro que nem todos os desejos dele e nossos são pecaminosos. O que acaba sendo o maior problema na vida de uma pessoa não é o facto de ter este ou aquele desejo, mas sim succumbir, ceder, deixar-se levar por aquele desejo que não é a melhor coisa para a sua vida e a sua saúde geral. A saúde mental vem quando se compreende e entende que há certos desejos que são saudáveis, que precisam de ser vividos, mas que há outros que precisam de estar sob controlo, ou ser eliminados.

Freud considerava a vontade como um instrumento ao serviço da repressão. E é mesmo. Mas nem toda a repressão é doentia, porque saúde mental também não é a liberação incondicional do nosso inconsciente, com os seus sentimentos, impulsos, emoções. Não são os sentimentos que devem governar a nossa vida e o nosso comportamento, mas também não devemos tornar-nos tão racionais que fiquemos parecidos com robôs, frios, calculistas, sem afecto demonstrável. Deus não exige do prezado leitor que não tenha este ou aquele desejo pecaminoso, que Ele sabe que sai da sua mente espontaneamente, sem que o queira. Jesus sabe que o que contamina a mente é o que sai da mente, porque a mente não purificada pelo Espírito Santo, pela fé, mediante a graça, é na-

turalmente problemática. Veja o que Ele diz em Mateus 15:11-20. E quando Jesus diz: “Sede perfeitos”, Ele não está dizendo: “Lute sozinho e veja se limpa a sua mente suja e depois venha a Mim!” Não! Ele diz: “Sem Mim nada podeis fazer!” Não é exigido de si que não tenha este ou aquele desejo, pensamento ou sentimento impuros, mas que, quando tal pensamento surgir, aprenda a lidar com o mesmo, a ponto de não se deixar levar por aquilo que não será saudável para si nem para as pessoas com as quais se relacionar.

“As divinas lições da Palavra de Deus mostram-nos que o homem todo (pensamento, sentimento e vontade) deve ser tratado respeitosamente. As faculdades mentais, as fortes paixões, não devem ser esmagadas (ou reprimidas) como inimigas, mas colocadas sob o controlo de Cristo, e utilizadas para o Seu serviço.”² Veja que neste texto Ellen G. White está dizendo que não se deve reprimir todo e qualquer sentimento, mas que é preciso aprender a lidar com ele de tal forma que sirva até para o serviço de Deus, nas relações humanas.

Todos nós, cristãos e não-cristãos, temos algum grau de conflitos emocionais, ou psicológicos ou mentais. Uma personalidade saudável forma-se a partir de uma relação afectiva positiva familiar. É nos primeiros anos da infância que a criança vai construindo a sua base de personalidade, mediante sua própria característica constitucional, e somando-se a isto as vivências que tem no decorrer dos primeiros anos. A personalidade é modelada na infância. O nosso maior ou menor desequilíbrio mental, a nossa maior ou menor saúde mental depende em grande parte da maneira como foi vivida a nossa infância em termos de como nos sentimos na relação com as figuras parentais ou representantes de pais.

Quando uma criança bem pequena, que ainda nem sabe falar, está com fome, ela sente a fome como uma dor. Ao ser alimentada, sente-se aliviada, e ela não pensa “estão-me amando”, quando recebe o alimento e desaparece a dor. Porém, aos poucos, sua mente vai fazendo uma correlação entre o facto de ser alimentada, confortada, limpa, com o ser amada. Se ela tem

que ficar um tempo muito longo sem ser cuidada (sem receber alimento, higiene, carinho, etc.), poderá ir criando a sensação de que o mundo exterior não é favorável, não é bom, é ameaçador, e isto poderá levá-la a afastar-se para dentro de si mesma, numa atitude de defesa. A criança precisa de receber tais cuidados para poder retirar-se do seu mundo interno e desenvolver a capacidade de se relacionar com o exterior, com pessoas fora dela. Se entendermos que nenhum pai e mãe, desde a queda de Adão e Eva, puderam ser perfeitos, então será fácil compreendermos que nenhum de nós, quando éramos crianças, recebeu suficiente carinho, atenção, aconchego, diálogo, e, portanto, todos somos carentes afectivamente em algum grau. Uns têm uma carência muito grande, com sérios prejuízos para a sua personalidade e relacionamento com a realidade e as pessoas; enquanto outros têm uma carência menor, que não atrapalha tanto na vida. Todos carregamos na nossa mente as marcas da nossa infância. O que ocorre é que para alguns a repressão dos factos passados é muito forte, e são aquelas pessoas que não se lembram nada ou quase nada da sua infância. Os problemas de infância não resolvidos produzem necessidades inadequadas no adulto que vem depois. E tais necessidades aparecem na relação com os filhos, com o namorado, com o cônjuge, com o patrão, com o empregado, com os amigos, com Deus, com a igreja, etc. Por isso, creio ser importante, útil e da vontade de Deus, aprendermos como as emoções interferem nas nossas condutas, nos nossos pensamentos, pois assim poderemos ir modificando as nossas acções, expressando emoções que precisam de ser expressadas, reprimindo as que precisam de ser reprimidas, actuando mais com a razão quando isso for o mais adequado, etc. Para ter melhor saúde mental, creio ser importante aprender a conhecer-se melhor a si mesmo. “Grande conhecimento é conhecer-se a si mesmo. O verdadeiro conhecimento de si próprio induz a uma humildade que abrirá o caminho para que o Senhor desenvolva o espírito, molde e discipline o carácter.”³

Cada um de nós tem janelas aber-

tas para a realidade. São janelas através das quais vemos a realidade e, por isso, vivemos nela de forma peculiar. Uns têm janelas abertas, enquanto outros têm uma visão pouco nítida da realidade, tanto exterior como interior. Se os sofrimentos da infância foram muito fortes, é possível que o prezado leitor tenha as janelas fechadas para si mesmo e para os outros. Se quando era criança recebeu pouco ou nenhum estímulo afectivo, provavelmente cresceu com tais janelas fechadas, o que significa, aqui no contexto em que estamos analisando, que as suas necessidades afectivas da infância podem ainda estar desejando recompensa, e que pode buscá-la nos lugares errados e da maneira errada. E raramente se tem consciência disto. ou seja, raramente as pessoas têm consciência de que o que estão fazendo na vida, o que estão sendo como pessoas tem a ver com o que houve no passado infantil e com buscas de resolução de carências afectivas acumuladas ao longo dos anos. A não consciência disto é fácil de ser entendida. Tudo aquilo que foi doloroso para si, quando criança, a tendência foi reprimir, guardar bem no fundo da mente, pois se ficasse no consciente, doeria. Só que aquilo que fica reprimido no inconsciente não fica morto, estático, inerte, mas sim vivo, activo, actuante e empurrando a pessoa para agir no sentido de tentar reaver o afecto perdido ou não vivido no passado na sua relação com os pais ou representantes de pais.

Apesar de poderem possuir importantes carências afectivas, muitas pessoas podem ser produtivas em alguma área de actividade na vida. Nem sempre as carências bloqueiam a capacidade de trabalho; entretanto, elas certamente influenciam de alguma maneira, em alguma intensidade, aquilo que a pessoa faz, a maneira como o faz.

Alguns buscam um trabalho no qual se sentem seguros se têm um "chefe" ou superior protector. Outros produzem bastante, trabalham demais, como se com isso evitassem deixar vir à consciência as lembranças dolorosas. Muitos conseguem driblar a tomada de consciência do que é doloroso na sua vida, justamente porque se ocupam tanto no trabalho, que não têm chance de reflectir. Não se per-

mitem fazer reflexões sobre sua própria vida. Trabalham compulsivamente, seja para uma empresa, uma instituição religiosa, ou o que for. Outros procuram reagir aos impulsos inconscientes, frutos dos seus traumas emocionais, actuando na vida como ditadores, líderes fortes, que têm prazer em mandar. A estes se ligam facilmente aquelas pessoas dependentes, que preferem estar sob o "cuidado" de alguém, ainda que com perda de liberdade psicológica.

A concluir no próximo número

Referências

1. Rollo May, *A Arte do Aconselhamento Psicológico*, p. 34.
2. Ellen G. White, *Meditações Matinais* 1980, p. 89.
3. Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 377 (ver também *Mente, Carácter e Personalidade*, p. 4).

O Dr. César V. Souza é médico psiquiatra no Hospital Adventista Silvestre, no Rio de Janeiro.

PARA OS MAIS NOVOS

«Pelo Amor de Deus!»

Ao contrário de muitos meninos, o Pedro não gostava de ir à escola e não tinha o menor desejo de aprender a ler. Não que ele tivesse qualquer dificuldade: o Pedro era esperto, conhecia até as letras, mas achava que não valia a pena saber ler. «Para quê? A gente fala, ouve, vê televisão...» E parecia surdo às explicações daqueles que lhe diziam que era importante ir à escola, saber ler, etc., etc.

A primeira vez que o Pedro foi abalado nessas suas convicções foi quando se encontrava na paragem da camionete e a avó lhe perguntou:

— Para onde vai aquela camionete, Pedrinho? Não consigo distinguir as letras...

— Vai para T... a... ta... Não! F... a... fa...

— Vai para Faro! disse um menino mais pequeno que o Pedro, que também estava na paragem.

O Pedro ficou um pouco envergonhado, mas não disse nada. Possivelmente, continuou com a ideia de que não valia a pena aprender a ler. Alguns dias mais tarde, ele acompanhou a mãe numa visita a uma senhora da igreja.

Quando chegaram, D. Rosália estava a ler a Bíblia. Ela era uma senhora idosa que vivia sozinha. Pedro pensou que devia ser muito aborrecido não ter ninguém com quem falar. Mas a irmã Rosália parecia feliz.

— É que eu passo muito tempo a ler a carta de Deus. Isso distrai-me e instrui-me.

— Qual carta? perguntou Pedro.
 — A Bíblia! A Bíblia é uma carta que Deus nos deixou e que nós podemos ler sempre que quisermos, ou precisarmos, para saber qual o caminho que devemos seguir, ou só para matar saudades. Se tu te encontrasses longe dos teus pais e de repente não soubesses que caminho tomar, ou o que fazer, não ficavas contente se soubesses que os teus pais te tinham escrito uma carta a explicar tudo? E não ias lê-la? E quando estivesses triste, não era bom poderes ler as suas palavras de conselho e encorajamento? Pois a Bíblia é tudo isso para mim. Sabes que eu não sabia ler e aprendi a ler só para ler a Bíblia? Foi por ela que eu aprendi a conhecer as letras, a juntar as sílabas, as palavras, as frases... Foi a minha cartilha! Não servia de nada ter uma carta e não ser capaz de lê-la!

Pedro não disse nada. Mas estou convencida de que foi nessa altura que ele descobriu como era importante saber ler e ler a Palavra de Deus. Aliás, no caminho de regresso a casa, Pedro comentou:

— Mamã, como a irmã Rosália ama a Bíblia! Aprendeu a ler aos 70 anos «pelo amor de Deus»!

A mãe respondeu:

— É verdade. Na igreja há mais pessoas que aprenderam a ler para lerem as Sagradas Escrituras e olha, só por isso já vale a pena saber ler!

— M. R. Baptista

Esforço de evangelização em S. Miguel

Terminou, com relativo êxito, o nosso esforço de evangelização na cidade de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, Região Autónoma dos Açores, onde, durante algumas semanas, tiveram lugar vários seminários seguidos por uma campanha evangelística. Tudo se orientou e processou dentro de determinados condicionamentos, mas com uma boa assistência às reuniões, pois algumas pessoas de todos os estratos etários e sociais mostraram-se muito interessadas nas temáticas apresentadas. Contámos também com a presença de um bom número de jovens, que nos ajudaram com cânticos e seguiram com interesse as palestras e vídeos apresentados.

Houve ainda oportunidade para organizar um programa regular da Escola Cristã de Férias, o que para uma vintena de crianças constituiu uma experiência enriquecedora e para nós representou um passo mais na esperança da abertura de um programa de ocupação de tempos livres na igre-

ja. Esta está já a fazer planos para a aquisição do necessário equipamento, na perspectiva da instalação de uma futura escola.

De regresso ao Continente, e após avaliarmos todo o esforço evangelístico realizado, podemos concluir que um maior envolvimento de acções departamentais nas Regiões Autónomas ajudará os nossos pastores locais nas suas responsabilidades. Aliás, as próprias congregações manifestam



esta sensibilidade e anseiam por maior apoio e intercâmbio, pois esta aproximação, além de beneficiar, dinamiza a zona insular e suscita boa impressão quanto às actividades sociais da igreja em zonas carenciadas e desfavorecidas por circunstâncias territoriais periféricas.

Resta-nos agradecer a Deus a concretização desta campanha e relevar e louvar o esforço da família pastoral local, que procurou fazer o seu melhor para o bom êxito da mesma. — **A. Nunes**, Departamental da Associação Pastoral e Evangelismo da União.

Igreja da Figueira da Foz

Embora com bastante atraso, dado que a primeira versão desta notícia nunca chegou às nossas mãos, desejamos referir notícias animadoras referentes à igreja da Figueira da Foz que todavia se reportam ao ano de 1990.

No passado dia 26 de Maio (1990), dia mundial de batismos, a igreja da Figueira da Foz viveu momentos muito felizes, ao realizar uma cerimónia baptismal, que inaugurava o baptistério da nova igreja adventista de Santana, deste concelho.

Foram 9 as preciosas almas que desceram às águas baptismas, sendo 2 da Figueira da Foz, 4 de Santana e 3 de Coimbra. Selando um pacto com Jesus, elas tornaram-se assim novas criaturas em Cristo (Rom. 6:4 e II Cor. 5:17). Ministraram no acto os pastores Carlos Esteves e Daniel Silva. A nova igreja de Santana

foi pequena para conter tantos irmãos e visitas que estiveram conosco. Colaboraram na cerimónia os anciãos das igrejas representadas, bem como alguns jovens das igrejas de Coimbra e Figueira, os quais apresentaram cânticos espirituais que louvaram a Deus e deliciaram a assembleia, contribuindo para a sua elevação espiritual.

Após os batismos, cuja cerimónia comoveu muitos dos presentes, particularmente as visitas, foi explicado o significado da mesma, comparando-a com o baptismo tradicional, e foi feito um apelo, ao qual responderam cerca de uma dezena de pessoas, que manifestaram o desejo de trilhar o caminho e plano de Jesus para as suas vidas. Por elas estamos orando. — **Aníbal da Silva Coelho**, ancião da igreja da Figueira da Foz.

5º Aniversário do programa de rádio «Nascente de Esperança»

No passado dia 10 de Maio, centenas de crianças e seus professores das Escolas Primárias de Arão e Valença do Minho confraternizaram com imensa alegria para recordar o 5º aniversário do «Nascente de Esperança». Este programa radiofónico, que ao longo destes cinco anos tem sido o «mais ouvido» nas rádios locais, emite na Rádio Nova Contrasta às sexta-feiras, das 13 às 15 horas.

Nesta festa das crianças da Primária (Ensino Básico), desta-

que para o jogo de futebol e para o concurso de Desenho, Poemas e Composição sobre a Rádio e a festa do «Nascente de Esperança». A Câmara Municipal de Valença, através da Vereadora da Cultura e Desporto, Prof. Maria João, apoiou esta iniciativa que alegrou muitos corações. Uma criança cantava assim:

Nem a mais bela música
Nem a mais bonita criança
Me tira da sintonia
Do «Nascente de Esperança»

— **Álvaro Bastos**.

Viana do Castelo: Mais uma alma para Jesus

No passado mês de Julho, em Viana do Castelo, realizou-se mais um baptismo. Teve lugar num local maravilhoso, o rio de Orbacém. Nele, a jovem Teresa de Jesus Tavares, filha da irmã Hermínia Tavares, entregou a sua vida para servir o nosso Mestre.

Com a presença do grupo co-

ral "Adonai" da igreja de Vila do Conde, de alguns irmãos vindos do Porto e Delães, o Pr. Rogério Nóbrega apelou aos nossos corações, reafirmando a breve volta de Jesus, quando todos poderemos conviver para sempre com o Senhor. — **Álvaro Bastos**, colportor-evangelista.



O pastor Daniel Bastos realiza o seu primeiro baptismo: a jovem Sara de Paula.

ça Galvão Afonso, Diná Pedro Oliveira e Maria João Luiz Lacerda Ferreira.

Damos graças a Deus por estas 6 preciosas almas que decidiram seguir a Jesus nos dias da sua mocidade. Desejamos-lhes as maiores bênçãos celestiais.

Como constatamos, a obra

educativa das nossas escolas pode produzir frutos para a vida eterna. A experiência e contacto com os alunos através das aulas de Bíblia foi muito enriquecedora tanto para eles como para os que ministraram estas aulas. — **M.R. Baptista**.

Escola de Lisboa: 6 baptismos

A exemplo dos anos anteriores, e no âmbito das aulas de Bíblia ministradas no Colégio Adventista de Lisboa, foi organizada, no ano lectivo de 1990/91, uma classe baptismal para os alunos que a ela desejassem assitir.

As aulas de religião e moral, nome oficial da disciplina que procura inculcar valores religiosos e morais nos nossos alunos, estiveram a cargo dos jovens pastores Júlio C. Santos e Daniel

Bastos, tendo este último dirigido também a classe baptismal.

Culminando estas actividades, realizou-se no dia 23 de Junho de 1991, na igreja central de Lisboa, uma cerimónia baptismal, em que 6 estudantes deram o seu testemunho público, resultado da sua experiência com Cristo, descendo às águas baptismais. Eis os seus nomes:

Sara Isabel de Paula, Andreia Marques, Rosa e Maria da Gra-

Acampamento em Atalaia do Campo com finalistas das Escolas Adventistas de Lisboa e Oliveira do Douro

Aproveitando o feriado de 25 de Abril, realizou-se em Atalaia do Campo, de 23 a 28 do referido mês, um acampamento em que participaram os finalistas do 9º ano

dos colégios de Oliveira do Douro e de Lisboa. O ambiente de convívio e amizade que reinou permitiu uma maior aproximação entre todos.

Colégio de Oliveira do Douro: Casa Agrícola

No âmbito do desenvolvimento da Escola e dos edifícios adjacentes, foi iniciada a construção da tão necessitada "casa agrícola" do Colégio. Os seus fundamentos foram já lançados e agora a obra vai crescendo paulatinamente.

O edifício terá um rés-do-chão, onde funcionará a casa agrícola propriamente dita e uma câmara congeladora para armaze-

nar os produtos da horta e do pomar, que estão sob a direcção do irmão José Fernando Oliveira.

No primeiro andar funcionará o Departamento de Publicações e o Departamento de Educação da União. E está ainda a pensar-se na hipótese de se abrir uma livraria para melhor servir os crentes da Região Norte. — **Maria Carolina S. Almeida e Silva**, professora do Colégio de O. Douro.



As 6 alunas baptizadas, com as irmãs Leotilde Filipe e Teresa Freire, que também desceram às águas baptismais nesse dia e pertencem à Igreja Central de Lisboa.

Colégio de Oliveira do Douro: Resumo de Actividades

Semana de Saúde e Família

Visando um maior conhecimento por parte dos alunos, o CAOD [Colégio de Oliveira do Douro] organizou uma semana de saúde e família, para cujas actividades contou com a colaboração do Dr. Daniel Esteves, departamental da União. Assim, de 25 de Fevereiro a 1 de Março, o Dr. Daniel teve oportunidade de dialogar com cada turma e transmitir aos estudantes importantes informações no campo da saúde.

Semana de Oração

Cada manhã, as actividades do colégio são iniciadas por uma meditação espiritual. No entanto, todos os anos se organiza uma semana especial de oração em que, de uma forma mais profunda, é analisado um tema de carácter espiritual. A Semana de Oração do passado ano lectivo de 1990/1991 esteve a cargo do pastor Daniel Bastos, que conseguiu captar a atenção de todos os alunos, motivando-os a uma maior aproximação de Jesus.



Semana Cultural

A semana cultural deste ano esteve subordinada ao tema "A Cerâmica", e ocorreu de 25 a 28 de Junho. Pela importância e elasticidade do tema, todas as disciplinas foram englobadas na sua realização. Assim, grupos de alunos, orientados pelos seus professores, elaboraram trabalhos bastante diversificados. Os encarregados de educação puderam colaborar com os seus educandos emprestando peças de cerâmica das mais variadas regiões do país e até do mundo. Com todo este material, foi organizada uma exposição na Junta da Freguesia de Oliveira do Douro, a qual foi visitada pelos alunos e professores do CAOD, pelos encarregados de educação e por alunos de outras escolas.

Durante esta Semana, os alunos tiveram ainda oportunidade de ver um ceramista trabalhar, utilizando moldes, de ver e experimentar uma roda de oleiro, de assistir à fabricação do tijolo do Egipto e de trabalhar com o próprio barro. Muito apreciadas também foram as visitas de estudo a algumas fábricas de cerâmica. Tudo quanto foi levado a efeito teve como principal objectivo mostrar aos alunos o valor dos mais variados tipos de cerâmica na vida diária.

A semana cultural culminou com uma sessão de jogos tradicionais, na sexta-feira, e com a festa de fim de ano no domingo, em que foram apresentados números de mímica subordinados ao tema "A cerâmica na Bíblia". Nesta festa contámos com a presença do sr. Presidente da Junta de Freguesia de Oliveira do Douro.

Desporto Escolar

A vertente do desporto escolar sempre mobiliza facilmente os alunos. Tendo em conta tal facto, o CAOD vem incentivando



várias actividades. Assim, além de desportos como o futebol, voleibol e andebol, etc., que habitualmente são praticados, o Colégio está a implementar a canoa-gem, a marcha e o ciclismo. Os treinos que semanalmente são realizados, sobretudo de canoa-gem, visam tornar possível uma

"grande aventura": a descida do rio Douro, que será feita em canoa, a pé e de bicicleta. Durante essa descida, serão também realizadas actividades ligadas à saúde e à ecologia. Os planos encontram-se já em marcha. — **Olga Mota Almeida**, professora do Colégio de Oliveira do Douro.

Igreja de Elvas. Notícias

Lembramos ainda, com saudade, a abertura da obra de Deus no Porto Santo, em que foi nosso privilégio participar. Ali desenvolvemos boas amizades e com o tempo e a ajuda do Senhor alcançámos transpor alguns muros de separação que existiam no tocante a alguém aceitar receber estudos bíblicos.

Agora, ao olhar para trás, sentimos-nos contentes por saber que deixámos naquela Ilha uma sala de culto que por vezes se enche no santo dia de Sábado e, mais importante ainda, ali existe actualmente uma igreja viva e jovem, funcionando em todas as normas da Igreja Adventista, com os seus departamentos, inclusivamente, com os clubes de Tições e Desbravadores. Alegramo-nos por saber que já se encontra em Porto Santo um novo obreiro, o pastor Orlando de Albuquerque e sua família, a quem, de todo o coração, desejamos as maiores bênçãos de Deus no seu trabalho.

Actualmente encontramos-nos em Elvas, com a responsabili-

dade desta nova igreja e é desta que desejamos dar notícias, pois já começam a surgir os primeiros frutos. Estamos aqui há poucos meses. Conosco veio um casal, Ana Maria e Luis Silveira, que estão colaborando nas actividades da igreja, e cuja dedicação ao Senhor e à Sua causa muito apreciamos.

A nossa grande alegria é que achamos que esta igreja tem um grande futuro. Temos já a funcionar com grande entusiasmo o clube de Tições e Desbravadores, um belo grupo de jovens e juvenis, dos 6 aos 13 anos. A cerimónia de inauguração do clube teve lugar na Primavera, precisamente no Dia do Tição.

Foi um dia muito feliz, em que contámos com a presença de várias visitas de irmãos das igrejas de Évora, Vila Nova de Monsarros, Funchal e Odivelas. O culto esteve a cargo do director dos Tições, irmão Silveira, que nesse Sábado iniciou a Semana de Oração dos Jovens. De Tarde, tivemos uma enorme representação

da igreja de Portalegre, com os seus clubes fardados, que muito abrilhantou a nossa festa de inauguração. Cerimónia simples e singela, na qual o irmão Jorge Branquinho tomou uma parte activa na inauguração oficial dos Clubes de Tições e Desbravadores da igreja de Elvas. Contámos também com numerosos números musicais, apresentados em coro pelos jovens da igreja local e pelos jovens de Portalegre. Este dia foi de facto inesquecível.

A igreja de Elvas é ainda pe-

quena. Tem 13 membros baptizados. Mas temos grandes esperanças no nosso grupo de juvenis, pois eles são o futuro da nossa igreja. Temos também um pequeno grupo de interessados e com eles estamos trabalhando na esperança de que o Senhor há-de tocar os corações e fazer amadurecer a Sua messe de almas na seara alentejana. Pedimos aos nossos irmãos, leitores da *Revista Adventista*, que orem por nós. — **Frederico Lupi Nogueira**, pastor da igreja de Elvas.

Encontro de obreiros da «Velha Guarda»

Com quinze presenças, realizou-se em Monte Real, de 20 a 24 de Maio deste ano, mais um encontro de obreiros reformados, ao qual assistiram também suas esposas, todos da «Velha Guarda».

Foi com alegria que pudemos rever rostos amigos e conhecer alguns outros que pela primeira vez assistiam a um encontro desta natureza. Sentimos pena por notar a ausência de outros colegas que, tal como nós, após duras lutas, se encontram aposentados. Quem sabe se poderão estar conosco no próximo ano! A nossa

experiência diz-nos que se trata de momentos felizes, de estímulo e grande refrigério espiritual.

O programa permitiu-nos avaliar como Deus está dirigindo vitoriosamente a Sua obra e como Ele dirige a vida de cada um dos Seus filhos.

Desejamos felicitar e agradecer ao departamental da Associação Pastoral da União, pastor Alberto Nunes, a oportunidade destes breves dias de convívio que esperamos possam repetir-se no próximo ano, se Deus quiser. — **J. P. Sínser**, pastor apresentado.



Retiro Espiritual em Tróia

Por ocasião da Páscoa deste ano e aproveitando esse fim-de-semana, teve lugar um retiro espiritual destinado aos Companheiros e Jovens da igreja de Setúbal, com a presença dos pastores José Manuel de Matos e Eduardo Graça e levado a efeito na magnífica e paradisíaca Península de Tróia.

O tema para reflexão revestiu-se de grande actualidade e como tal suscitou grande interesse naqueles que tiveram o privilégio de assistir à sua apresentação sob o título global de «A Europa no contexto da Profecia».

Entre as várias temáticas abordadas, destacamos:

— Unificação Europeia: sim ou não?

— Fronteiras da Europa/Fronteiras da Desordem

— A Europa face à Guerra do Golfo

— Roma e as profecias bíblicas

— Cenários bíblicos do futuro da Europa

— O Islão no contexto profético: metas e cenários proféticos prováveis.

Esta última, uma saborosa temática, geralmente pouco focada.

Queremos expressar a nossa gratidão pela maneira como Deus usou de forma particular o pastor José Manuel de Matos no estudo, preparação e apresentação viva e variada, bem como pelo modo como se documentou e expressou em matérias tão problemáticas, mas de tamanha importância e actualidade. Achamos estas apresentações do maior interesse, pois nos ajudam a

acreditar e a confiar que Deus continua ao leme dos acontecimentos do nosso mundo.

Agradecemos também a presença do nosso pastor, irmão Graça, pela simples mas cheia de significado cerimónia de Santa ceia e por aquela meditação inesquecível que vivemos com os primeiros raios de sol do dia de domingo, perante Deus e a bela natureza que ainda se pode disfrutar.

Foi muito importante para nós, jovens da igreja de Setúbal, este retiro espiritual, pois todos concluímos, com satisfação, que Jesus em breve vai voltar. Mais breve do que muitos pensarão...

Desejamos despertar para a grande realidade do «tempo do fim», no qual nos inserimos «hoje». Maranata! O Senhor vem! — **Enoque Trindade Pinto**, director de Companheiros e Jovens da igreja de Setúbal.

Aguardando a Ressurreição

Pastor Vitorino Chaves



Faleceu no passado dia 8 de Maio, na sua residência em Oeiras, o pastor Vitorino Chaves. Completara 86 anos no dia 1 de

Março de 1991, e era membro da igreja central de Lisboa, para onde fora transferido após o seu regresso de Angola.

O ministério deste servo de Deus começou nos longínquos anos 30, quando teve conhecimento da mensagem adventista, em Angola, através do Dr. Roy Parsons. Professor numa missão evangélica, ele não hesitou em abandonar tudo para aceitar a sua nova fé, tendo sido baptizado no dia 4 de Setembro de 1938. A direcção da obra em Angola chamou-o então para continuar o seu trabalho educativo, mas nas missões adventistas.

Algum tempo depois, este dedicado irmão foi chamado a exercer funções pastorais e missionárias, sendo consagrado ao santo ministério. Ele e sua esposa, irmã Emília Chaves, também já falecida, exerceram um profícuo e abençoado ministério em várias missões adventistas de An-

gola, onde tiveram oportunidade de levar a Cristo muitas almas e ensiná-las nos caminhos da verdade e de uma vida útil e gratificante.

Na cerimónia fúnebre, em Oeiras, estiveram presentes, além de familiares e amigos, vários companheiros de ministério. O pastor Joaquim Morgado, em nome da União Portuguesa e como ex-colega das Missões em Angola, realçou alguns pontos altos do ministério do irmão Vitorino Chaves, naquele país. O pastor Nunes, em nome do corpo pastoral da nossa União, dirigiu algumas palavras de conforto aos presentes, e o signatário, usando a própria Bíblia do pastor Chaves e seguindo os textos por ele sublinhados, sobre o tema da ressurreição, lembrou a todos a esperança na volta de Jesus em que o nosso irmão adormecera.

Apresentamos aos familiares, particularmente aos filhos, Isabel Chaves Rodrigues, antiga obreira da União Portuguesa e actualmente a viver nos Estados Unidos, pastor João Chaves, obreiro reformado, no Canadá, e Dr. Manuel Vitorino Chaves, médico pediatra em Lisboa, sentidas condolências. — **Joaquim Dias**, pastor da igreja central de Lisboa.

Camporee Internacional de escuteiros adventistas em Poppi, na Itália

Mais de 1000 jovens, dos 12 aos 16 anos, pertencentes ao movimento de escuteiros adventistas — os Desbravadores — reuniram-se em Poppi, na Itália, de 22 a 29 Julho de 1991, para o seu 7.º camporee internacional, organizado pela Divisão Euro-africana das igrejas adventistas.

Presentes na cerimónia de abertura, o presidente da câmara de Poppi, acompanhado pelos vereadores municipais, e o pastor Paolo Benini, presidente das igrejas adventistas da Itália.

Nas palavras de boas-vindas que nos dirigiu, o Sr. Presidente da Câmara realçou a importância deste congresso na construção de

uma Europa de paz e amizade.

Pela primeira vez, num camporee internacional de desbravadores, estiveram presentes delegações da Roménia e Checoslováquia.

No domingo, 28 de Julho, os 1000 jovens presentes participaram numa acção de limpeza das margens do rio Arno, com a colaboração da Câmara e das organizações de protecção do meio ambiente.

O ideal dos desbravadores adventistas, declarou John Graz, director do camporee, é servir a Deus, ao seu próximo e à sociedade. — **Serviços de Imprensa Adventista.**

New Bedford — Uma Igreja com uma missão

Nas palavras do Mestre: «Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura...» (Marcos 16:15), concluímos que a igreja verdadeira tem uma «MISSÃO GLOBAL.»

Aqui, em New Bedford, nos Estados Unidos da América, estamos cientes deste desafio e dispostos a aceitá-lo.

O dia 29 de Dezembro de 1990, foi um sábado muito especial: terminámos os estudos do Seminário Sobre o Apocalipse. Mais de 50 Diplomas foram en-

tregues. Cinco preciosas almas demonstraram publicamente a decisão de estarem ao lado de Cristo através do baptismo.

Durante o apelo, feito pelo Pr. David Barrozo, pastor da igreja e instrutor do Seminário, muitos outros responderam, vindo à frente, confirmando o desejo de que num futuro breve também querem ser baptizados. Como parte de nossa missão, foram feitos planos para que estas pessoas continuassem a receber orientação espiritual.



Kevin Maiato a ser baptizado pelo Pr. Barrozo. O baptismo do Kevin é o resultado directo do programa: «JOVENS PELOS JOVENS».

Sim, New Bedford é uma igreja com uma missão e, com a ajuda constante de Deus e o envolvimento dos membros e amigos, vamos cumprir a nossa parte den-

tro do plano divino para a igreja: «Ide por todo o mundo...» — **David Barrozo**, Pastor das igrejas de East Providence e de New Bedford, nos Estados Unidos.

“Soirée” Internacional no Seminário de Collonges



Foto Paulo Cordeiro: O grupo português com as representantes do Japão, Etiópia, Tailândia e Hungria.

No ano passado, a direcção do nosso Seminário de Collonges decidiu organizar uma festa que há vários anos vinha sendo esquecida: a “soirée” internacional. Collonges é um lugar onde se reúnem, ano após ano, representantes de quase todo o mundo e a ideia foi muito bem acolhida pelas diversas comunidades presentes. O sucesso foi grande e a direcção decidiu repetir a experiência no ano lectivo de 1990/91.

Logo no início do ano escolar, em Setembro, foram escolhidos os responsáveis de cada grupo ou país, e a irmã Odete Ferreira, com o dinamismo e a dedicação que quase todos conhecem, começou a reunir o grupo português. Já no ano anterior tinha sido ela quem dirigiu o excelente programa que representou Portugal, pelo que, este ano, havia que manter a boa impressão deixada junto das comunidades.

Apesar dos estudos e trabalhos que a todos ocupam, lá começámos a reunir-nos e a animar-nos. Foram momentos agradáveis, de convívio, por vezes de paciência, que vivemos. Encontrá-vamos quase sempre ao fim do dia, no hall de entrada da faculdade, pa-

ra aprendermos os passos de dança ou a cantar os temas populares.

No dia da “soirée”, o ginásio do colégio, adaptado para o efeito, encontrava-se lotado. Por toda a parte havia cores, bandeiras, cartazes. Cada país tinha preparado um stand representativo. O grupo português apresentou duas danças do nosso folclore, representando as regiões de Aveiro e Vila Real, um fado estudantil de Coimbra e uma roda de fitas. O programa, de mais de três horas, terminou em apoteose, com a bandeira da paz atravessando a sala, transportada pelas representantes do Japão, Etiópia, Tailândia e Hungria, ao som do hino da alegria, sendo rodeada no palco pelas bandeiras e representantes de todos os países participantes.

Houve ainda muito convívio e prova de pratos típicos (onde os nossos bolinhos de bacalhau pregaram uma partida à tradição vegetariana do Colégio). Repetiu-se o êxito do ano anterior e estamos certos de que esta festa, tão rica em experiências e oportunidades, continuará a ser uma bênção para todos, habitantes e vizinhos desta Escola. — **Pedro Fonseca**, estudante português em Collonges.